



## Capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal

Relatório do Encontro de Especialistas da FAO

Sede Mundial da FAO (Roma) • 30 de setembro - 3 de outubro de 2008



# **Capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal**

---

**Relatório do Encontro de Especialistas da FAO  
Sede Mundial da FAO (Roma)  
30 de setembro - 3 de outubro de 2008**

D. Fraser  
R.M. Kharb  
C. McCrindle  
J. Mench  
M. Paranhos da Costa  
K. Promchan  
A. Sundrum  
P. Thornber  
P. Whittington  
W. Song

As denominações utilizadas e a apresentação do material neste informativo não implicam a expressão de qualquer opinião por parte da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), em respeito à condição jurídica ou de desenvolvimento de qualquer país, território, cidade ou área, nem de suas autoridades, ou relacionadas à delimitação das suas fronteiras ou limites. A citação de determinadas empresas ou produtos específicos, quer estes tenham sido patenteados ou não, não implica que estes tenham sido aprovados ou recomendados pela FAO, em detrimento de outros de natureza semelhante, que não são mencionados.

ISBN 978-92-5-906146-8

Todos os direitos reservados. A reprodução e divulgação de informações deste relatório para fins educacionais ou não comerciais estão autorizadas, sem qualquer autorização prévia por escrito dos detentores dos direitos autorais, desde que a fonte seja claramente citada. A reprodução de material deste informativo para revenda ou outros fins comerciais é proibida, caso não se tenha a permissão por escrito dos detentores dos direitos autorais. As solicitações para essa autorização devem ser encaminhadas para o chefe da Divisão da Política de Publicação Eletrônica e Comunicação  
FAO  
Viale delle Terme di Caracalla, 00153 Roma, Italia  
ou pelo e-mail para  
[copyright@fao.org](mailto:copyright@fao.org)

# Índice

<b>Agradecimentos</b>	v
<b>Participantes</b>	vii
<b>Declaração de interesses</b>	xii
<b>Siglas e abreviaturas</b>	xiii
<b>Sumário executivo</b>	xv
<b>Prefácio</b>	xxi
<b>1. Introdução</b>	1
1.1 Histórico	1
1.2 Processo	2
1.3 Escopo	2
1.4 Outras considerações	3
<b>2. Impactos e benefícios das boas práticas de bem-estar animal</b>	5
<b>3. Abordagens culturalmente apropriadas</b>	7
<b>4. Pesquisa e ciência</b>	11
4.1 Estimular a aplicação da ciência do bem-estar animal	11
4.2 Divulgação da informação científica	14
4.3 Avaliação científica do bem-estar animal	14
4.4 A ciência como base para as normas	15
<b>5. Normas e legislação</b>	17
5.1 Normas sobre bem-estar animal e programas de garantia	17
5.2 Legislação	18
5.3 Normas e acordos internacionais	19
<b>6. Capacitação para melhorar o bem-estar animal</b>	21
6.1 Educação	21
6.2 Engajamento e conscientização	21
6.3 Treinamento	23
6.4 Comunicação	24

<b>7. Estratégias para capacitação</b>	27
7.1 Bem-estar animal e responsabilidade social corporativa	27
7.2 Alianças	27
7.3 Bem-estar animal, comércio e acesso aos mercados	31
<b>8. Pontos fundamentais</b>	33
<b>9. Recomendações</b>	37
<b>Referências e outros recursos</b>	41
Apêndice A. <b>Programa do encontro</b>	45
Apêndice B. <b>Currículos dos especialistas</b>	49
Apêndice C. <b>Lista de documentos</b>	53
Apêndice D. <b>Lista de eventos relevantes para a promoção da capacitação relacionada ao bem-estar animal</b>	57
Apêndice E. <b>Considerações</b>	59

# Agradecimentos

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) gostaria de manifestar seu apreço a todos os especialistas, pesquisadores e as pessoas que participaram da reunião e contribuíram para a elaboração desse relatório, disponibilizando seu tempo e conhecimento, dados e outras informações relevantes, ou com a revisão e a apresentação de sugestões para o documento.

O reconhecimento também é oferecido a todos aqueles que responderam à solicitação emitida pela FAO para apresentação de dados, permitindo assim, o acesso a informações que não são facilmente disponibilizadas nas principais obras de referência e documentos oficiais.

O papel da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), da Comissão Europeia, da Autoridade Europeia para a Segurança de Alimentos (EFSA), da Sociedade Real para a Prevenção da Crueldade contra os Animais (RSPCA), da Sociedade Mundial de Proteção Animal (WSPA), da Compaixão na Pecuária Mundial, do Eurogrupo pelo Bem-estar dos Animais e dos Produtores de Leite do Canadá, em apoiar a participação de seus recursos humanos também é digno de reconhecimento.

Somos gratos a Bruno Caputi, do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), pela tradução do presente relatório em Português e a Paula B. Paranhos da Costa e Mateus JR Paranhos da Costa, pela sua revisão.



# Participantes

## Especialistas

### **David Fraser (Presidente)**

Professor de Bem-Estar Animal,  
Faculdade de Sistemas de Alimentação e Solos e do Centro de Ética Aplicada W.  
Maurice Young,  
Universidade da Columbia Britânica  
(Canadá)

### **Carmen Gallo**

Professora,  
da Faculdade de Medicina Veterinária,  
Universidade Austral  
(Chile)<sup>1</sup>

### **R.M. Kharb**

Presidente,  
do Conselho de Bem-Estar Animal da Índia  
do Ministério do Meio Ambiente e Florestas  
(Índia)

### **Cheryl M. E. McCrindle**

Professora e Chefe do Departamento de Saúde Pública Veterinária,  
Faculdade de Medicina Veterinária,  
Universidade de Pretoria  
(República da África do Sul)

### **Joy Mench**

Professora e Diretora do Centro de Bem-Estar Animal,  
Departamento de Zootecnia,  
Universidade da Califórnia, Davis  
(Estados Unidos da América)

---

<sup>1</sup> Não pôde comparecer



**Mateus J.R. Paranhos da Costa**

Professor de Etologia e Bem-Estar Animal,  
Departamento de Zootecnia,  
Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV),  
Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)  
(Brasil)

**Kittipong Promchan**

Veterinário Sênior,  
Departamento do Desenvolvimento Pecuário  
(Tailândia)

**Song Wei**

Advogado e Professor,  
Universidade de Ciência e Tecnologia da China (USTC)  
Diretor,  
Instituto de Direito da USTC  
(China)

**Albert Sundrum**

Professor e Chefe do Departamento de Saúde e Nutrição Animal,  
Faculdade de Ciências Agronômicas e Ecológicas,  
Universidade de Kassel  
(Alemanha)

**Peter Thornber**

Gerente da Divisão de Comunicação e Estratégia de Bem-Estar Animal,  
Integridade de Produto e Defesa Agropecuária,  
Departamento da Agricultura, Pesca e Florestas do Governo Australiano  
(Austrália)

**Paul Whittington**

Coordenador do Treinamento em Bem-Estar Animal,  
Universidade de Bristol,  
Escola de Medicina Veterinária,  
Divisão de Ciências de Animais de Produção  
(Reino Unido)

## **Recursos Humanos**

### **Franck Berthe**

Cientista Sênior,  
Unidade de Saúde e Bem-Estar Animal,  
Autoridade Europeia para a Segurança de Alimentos (EFSA)

### **Réjean Bouchard**

Subdiretor,  
Políticas e Produção Láctea,  
Produtores de Leite do Canadá  
(Canadá)

### **Carmen Bullon**

Oficial Jurídica,  
Serviço de Desenvolvimento Legal,  
Escritório de Direito,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

### **Maria Ferrara**

Especialista Nacional,  
Unidade de Bem-Estar Animal,  
Direção Geral de Saúde e Consumidores da Comissão Europeia (EC)

### **Andrea Gavinelli**

Chefe da Unidade de Bem-Estar Animal,  
Direção Geral de Saúde e Consumidores da Comissão Europeia (EC)

### **Charlotta Jull**

Oficial Jurídica,  
Serviço de Desenvolvimento Legal,  
Escritório de Direito,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

### **Gardner Murray**

Presidente da Comissão Regional da OIE para a Ásia, Extremo Oriente e Oceania,  
Organização Mundial de Saúde Animal (OIE)

**Anni McLeod**

Oficial Sênior,  
Subdivisão de Informação Pecuária e Análise e Políticas do Setor,  
Divisão de Saúde e Produção Animal,  
Departamento de Agricultura e Proteção ao Consumidor,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Julio Pinto**

Oficial de Saúde Animal,  
Serviço de Saúde Animal,  
Divisão de Saúde e Produção Animal,  
Departamento de Agricultura e Proteção ao Consumidor,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Melba B. Reantaso**

Oficial de Recursos da Pesca (Aquicultura),  
Serviço de Conservação e Gestão da Aquicultura,  
Divisão de Gestão da Pesca e da Aquicultura,  
Departamento da Pesca e da Aquicultura,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Adolfo Sansolini**

Assessor de Política Comercial,  
Sociedade Real para Prevenção da Crueldade aos Animais,  
Sociedade Mundial para a Proteção Animal,  
Compaixão na Pecuária Mundial,  
Eurogrupo pelo Bem-Estar dos Animais

**Karin Schwabenbauer**

Assessora Sênior de Política Veterinária,  
Serviço de Saúde Animal,  
Divisão de Saúde e Produção Animal,  
Departamento de Agricultura e Proteção ao Consumidor,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Jordi Serratosa**

Chefe da Unidade,  
Unidade de Saúde e Bem-Estar Animal,  
Autoridade Europeia para a Segurança de Alimentos (EFSA)

**Rohana P. Subasinghe**

Oficial Sênior de Recursos da Pesca (Aquicultura),  
Serviço de Conservação e Gestão da Aquicultura,  
Divisão de Gestão da Pesca e da Aquicultura,  
Departamento da Pesca e da Aquicultura,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Jessica Vapnek**

Oficial Jurídica,  
Serviço de Desenvolvimento Legal,  
Escritório de Direito,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Secretaria****Daniela Battaglia**

Oficial de Produção Pecuária,  
Serviço de Produção Animal,  
Divisão de Saúde e Produção Animal,  
Departamento de Agricultura e Proteção ao Consumidor,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Irene Hoffmann**

Chefe do Serviço de Produção Animal,  
Divisão de Saúde e Produção Animal,  
Departamento de Agricultura e Proteção ao Consumidor,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Samuel Jutzi**

Diretor da Divisão de Saúde e Produção Animal,  
Departamento de Agricultura e Proteção ao Consumidor,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

**Simon Mack**

Oficial Sênior do Serviço de Produção Animal,  
Divisão de Saúde e Produção Animal,  
Departamento de Agricultura e Proteção ao Consumidor,  
Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

# Declaração de Interesse

Dos 11 especialistas que foram convidados para o encontro, dez puderam comparecer. Nenhum participante apresentou declaração de interesse nos temas em apreço.

---

# Siglas e Abreviaturas

<b>AGA</b>	Divisão de Saúde e Produção Animal da FAO
<b>AIDS</b>	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
<b>AWT</b>	Treinamento em Bem-Estar Animal
<b>CABI</b>	Centro Internacional para a Biociência Agrícola
<b>DFD</b>	Carne escura, firme e seca
<b>FAO</b>	Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação
<b>FAWC</b>	Conselho de Bem-estar dos Animais de Produção
<b>HSA</b>	Associação de Abate Humanitário
<b>HSI</b>	Sociedade Humanitária Internacional
<b>IDF</b>	Federação Internacional do Leite
<b>IFAP</b>	Federação Internacional dos Produtores Agrícolas
<b>IFC</b>	Corporação Financeira Internacional
<b>IMS</b>	Secretariado Internacional da Carne
<b>NSPCA</b>	Conselho Nacional da Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais
<b>OECD</b>	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
<b>OIE</b>	Organização Mundial de Saúde Animal
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>ONGs</b>	Organizações Não-Governamentais
<b>PSE</b>	Carne pálida, flácida e exudativa
<b>RSPCA</b>	Sociedade Real para a Prevenção da Crueldade Contra os Animais
<b>UE</b>	União Europeia

<b>UK</b>	Reino Unido
<b>USA</b>	Estados Unidos da América
<b>WSPA</b>	Sociedade Mundial de Proteção Animal

# Sumário executivo

1. Boas práticas de bem-estar animal incluem prevenção e tratamento de doenças e lesões, prevenção e alívio da dor, do distresse e de outros estados negativos, fornecimento de alimentação e de outras condições de vida que sejam adequadas às necessidades e a natureza dos animais.

2. Muitas boas práticas de bem-estar animal têm múltiplos benefícios para a população e para os animais. A melhoria da saúde e da produtividade animal contribui para a manutenção do abastecimento de alimentos para pessoas que produzem e utilizam produtos de origem animal. Elas mantêm o meio de subsistência de pequenos produtores e, assim, ajudam a manter estáveis as comunidades rurais. Boas práticas de bem-estar animal podem também contribuir para a segurança alimentar, para a saúde e bem-estar psicológico humanos. Uma abordagem para o bem-estar animal que se centra em benefícios para a população humana aumenta a probabilidade de se ter sucesso, especialmente nas regiões do mundo onde muitas pessoas sofrem de pobreza e fome.

3. O tratamento dado aos animais é influenciado por crenças e valores, que variam de cultura para cultura, considerando a natureza dos animais e sua importância para as diferentes comunidades. Também há diferenças de prioridade entre as culturas em relação a diferentes aspectos do bem-estar animal, tais como cuidados básicos de saúde e nutrição versus alívio de dor e de distresse. A visão dos animais como “seres sensientes”, reforçada pela ciência moderna, está se espalhando através da comunidade científica e veterinária e dá um impulso adicional para resguardar o bem-estar animal.

4. O estudo científico de bem-estar animal é um campo de pesquisa multidisciplinar. Começou principalmente, em resposta às preocupações de bem-estar de animais de produções intensivas, mas seus métodos são amplamente aplicáveis aos problemas de bem-estar animal em todos os sistemas de produção, às questões globais do abate humanitário e ao transporte de animais. Existe uma necessidade de desenvolver maiores conhecimentos na ciência do bem-estar animal em países em desenvolvimento, o que pode ser feito pelo estabelecimento de parcerias com os centros especializados.

5. A avaliação científica do bem-estar animal é um elemento-chave nos esforços para implementar boas práticas de bem-estar animal. A avaliação do bem-estar envolve múltiplas variáveis e critérios; essa avaliação é melhor empregada em sistemas que visam identificar as causas de problemas de bem-estar animal, assim como, identificar oportu-



nidades para a intervenção bem sucedida em todo o sistema ou na cadeia de produção. A avaliação do bem-estar animal deve ser feita com a participação das pessoas envolvidas, em um processo em que se tenta também compreender as percepções e experiências práticas dos participantes, bem como, os ativos sociais e materiais que estes possam trazer para a solução de problemas de bem-estar animal.

6. Uma vasta gama de normas e programas foram criados para garantir a implementação das boas práticas de bem-estar animal. Estas incluem: (a) códigos voluntários de bem-estar, muitas vezes criados por organizações industriais, (b) programas corporativos, frequentemente utilizados pelo varejo ou restaurantes, (c) programas de diferenciação dos produtos que permitam aos consumidores a compra seletiva, (d) padrões legais, e (e) os acordos internacionais criados por tratados ou organizações internacionais. Na promoção do bem-estar animal, os diferentes tipos de programas também servem a diferentes intenções políticas e comerciais, os quais possuem diferentes pontos fortes e fracos; uma abordagem legislativa, por exemplo, só será eficaz se os recursos suficientes são destinados à sua administração e cumprimento. Em qualquer situação, se faz necessária uma análise para determinar os programas que seriam mais eficientes na promoção de boas práticas de bem-estar animal, e como a implementação de tais programas poderia beneficiar animais e pessoas.

7. A capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal envolve quatro elementos: (a) educação, para criar consciência sobre bem-estar animal e um entendimento de sua importância para o sucesso da produção animal, (b) compromisso de conseguir a participação ativa das pessoas que trabalham com animais, (c) treinamento em procedimentos específicos, e (d) comunicação entre as diferentes organizações internacionais, entre as partes interessadas e os provedores de informação e conhecimento, assim como, entre os diferentes departamentos do governo e de outras organizações envolvidas no bem-estar animal. A capacitação deve ser solidária com os conhecimentos e recursos locais e deve facilitar a habilidade na resolução de problemas, proporcionando aos participantes a capacidade de cumprir as normas no futuro, ao invés de tentar impor padrões que não podem ser atingidos imediatamente. Em última análise, a formação deve ser feita por recursos humanos e organizações locais; especialistas externos são mais eficientemente usados para capacitar futuros treinadores.

8. Dentre as estratégias que a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) poderia usar na promoção de boas práticas de bem-estar animal, se destacam as seguintes:

- (i) A FAO e outras organizações mundiais poderiam incluir ativamente o bem-estar animal como um dos elementos fundamentais dos seus projetos, fazendo-o de forma integrada e contribuindo para alcançar outras metas, tais como segurança alimentar e alimento saudável, saúde humana e animal, sustentabilidade ambiental, segurança no trabalho, desenvolvimento rural, igualdade entre gêneros, e justiça social.

(ii) A capacitação efetiva em boas práticas de bem-estar animal irá exigir alianças entre as organizações, com base em um entendimento comum das metas, consentimento e complementação dos diferentes papéis desempenhados pelos agentes e esforços coordenados. A FAO poderia cooperar com e incentivar parcerias entre outras organizações, incluindo:

- Organizações internacionais com interesse no bem-estar animal, incluindo a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE), a qual está desenvolvendo normas de bem-estar animal aceitas internacionalmente, desenvolvendo estratégias de bem-estar animal em certas regiões através das suas comissões regionais e designando alguns “Centros Colaboradores” de pesquisa em bem-estar animal;
- Organizações internacionais de produtores pecuários que estão proporcionando liderança no tocante bem-estar animal em seus respectivos setores e poderiam estabelecer um procedimento para capacitação de forma a atingir os produtores locais;
- Organizações não-governamentais (ONGs), incluindo ONGs de bem-estar animal e de desenvolvimento, muitas das quais já desempenham um papel importante na promoção de boas práticas de bem-estar animal;
- Governos e organizações multilaterais, que apóiam o treinamento e o aumento da sensibilização relacionados ao bem-estar animal;
- Determinadas empresas do setor privado e instituições financeiras, que incluem bem-estar animal como parte de seus programas de responsabilidade social corporativa.

(iii) Dado que o bem-estar animal está sendo cada vez mais levado em consideração nos negócios e no acesso ao mercado, a FAO e outras agências poderiam ajudar a capacitação em países de baixa renda para que os produtores destes fiquem melhores posicionados no mundo dos negócios. A capacitação é necessária também para que os pequenos e médios produtores não fiquem em desvantagem competitiva em relação aos grandes produtores. O auxílio aos pequenos produtores a se comunicarem e compartilharem recursos poderia aumentar as suas capacidades de implementar normas e padrões, reduzir custos de produção e transporte e permitir a comercialização de um volume maior de produtos.

9. Apesar dos problemas de bem-estar animal serem extremamente diversificados, certas áreas problemáticas genéricas ocorrem em todo o mundo. Estas incluem transporte de longa distância, abate e manejo pré-abate, oferta adequada de alimentos e água, manejo dos animais pelos humanos, abate de animais adoecidos ou de baixo valor comercial, assim como manter animais em condições para as quais eles não são geneticamente preparados. Estas áreas problemáticas permitem pontos de partida lógicos para a avaliação das necessidades de capacitação, de materiais de treinamento, de projetos de pesquisa e para a criação de incentivos. Além disso, para os agricultores de baixa renda ou sem terras, a melhoria da qualidade de vida é normalmente o primeiro passo para serem capazes de proporcionar cuidados adequados aos animais.

Deste modo, a melhoria do bem-estar econômico dos produtores de baixa renda é um elemento de alta prioridade nos esforços para melhorar o bem-estar animal.

10. Com base em suas discussões, os especialistas fizeram as seguintes recomendações:

- (i) Melhorias para o bem-estar animal nos sistemas de produção de alimentos podem desempenhar um papel significativo na melhoria do bem-estar das pessoas da seguinte forma: melhorando o acesso aos alimentos de origem animal, melhorando a rentabilidade econômica advinda do aumento da produtividade pecuária, melhorando a eficiência de animais de carga e reduzindo os riscos para a saúde humana através da melhoria da segurança alimentar e saúde animal. A atenção para o bem-estar animal pode ser de grande benefício para os países em desenvolvimento, através do melhoramento tecnológico, aumento do acesso aos mercados e adoção de cooperação internacional. Para apoiar boas práticas de bem-estar animal nos países em desenvolvimento, a FAO deverá dar prioridade às práticas que oferecem benefícios tanto para as pessoas quanto para os animais.
- (ii) Além dos benefícios práticos e econômicos, a atenção para o bem-estar animal pode gerar mais benefícios sociais. Pode contribuir para o ensino de uma ética do cuidado, pode ser uma força para a coesão social no seio de uma família, uma comunidade ou um negócio e a definição de relações positivas com os animais é um importante fator para o bem-estar humano (bem como para o bem-estar animal). Estes benefícios devem ser reconhecidos em programas de capacitação.
- (iii) O bem-estar dos animais não deve ser tratado como um único tema, mas como um dos muitos objetivos sociais de importância, incluindo a segurança alimentar e alimento saudável, a saúde humana e animal, a sustentabilidade ambiental, a segurança no trabalho, o desenvolvimento rural, a igualdade entre gêneros e a justiça social.
- (iv) Como um primeiro passo na conquista dos objetivos de bem-estar animal, a FAO deverá garantir que o bem-estar animal esteja integrado e contribua para seus programas existentes em áreas como a nutrição e saúde animal, desenvolvimento pecuário, subsistência sustentável e respostas de emergência em que animais estejam envolvidos.
- (v) O bem-estar animal é fortemente influenciado pelo comportamento humano. Na capacitação para melhorar o bem-estar animal, a FAO (e aqueles que executam projetos patrocinados pela FAO) devem tentar compreender e interagir com as pessoas que trabalham com animais, reconhecer as suas normas culturais, os conhecimentos e habilidades que eles possuem, cooperar com eles para identificar formas de melhorar o bem-estar animal como uma maneira de alcançar com mais eficiência seus objetivos, assim como incentivar as suas capacidades de inovação e de resolução de problemas.
- (vi) Como uma abordagem geral, a melhoria do bem-estar dos animais deve começar com uma avaliação dos riscos e oportunidades de todo o sistema ou da cadeia de produção e uma busca de melhorias práticas para cada situação. A avaliação deve

---

ser feita com embasamento científico das necessidades e do bem-estar dos animais, e deve incluir avaliações de riscos para identificar as causas dos problemas de bem-estar animal. Em muitos casos, a abordagem mais eficaz é normalmente um processo contínuo de melhoria com base em metas alcançáveis e não a importação de procedimentos radicalmente diferentes baseados na tecnologia e valores estrangeiros.

- (vii) Em algumas situações, programas formais de garantia do bem-estar animal (leis nacionais, acordos internacionais, programas corporativos e outros) fornecem uma valiosa orientação e incentivos para a melhoria do bem-estar animal e podem facilitar o acesso a certos mercados. Como parte da avaliação de riscos e oportunidades, a FAO deve considerar o possível papel e benefícios de tais programas, bem como qualquer capacitação necessária para facilitar as suas execuções por países e produtores que pretendem cumpri-los.
- (viii) Pesquisas científicas em bem-estar animal fornecem evidências que fundamentam muitas práticas e normas de bem-estar animal. A FAO deve considerar trabalhar com centros especializados na ciência do bem-estar animal a fim de facilitar o acesso dos países membros aos resultados de pesquisas em bem-estar animal e para incentivar a pesquisa sobre questões de importância para países em desenvolvimento.
- (ix) Muitos países estão demonstrando interesse em criar e/ou rever a legislação em bem-estar animal, em alguns casos, para cumprir com as normas estabelecidas. A FAO deve trabalhar em conjunto com outras organizações para prestar uma assistência relevante sobre legislação em bem-estar animal aos países membros que a solicitarem.
- (x) Apesar dos problemas de bem-estar animal serem extremamente diversificados, certas áreas problemáticas genéricas ocorrem em todo o mundo. Estas incluem: transporte, abate e manejo pré-abate, oferta adequada de alimentos e água, métodos de manejo, abate de animais adoecidos ou de baixo valor comercial, assim como manter animais em condições para as quais eles não são geneticamente preparados. Estas áreas problemáticas permitem pontos de partida lógicos para os esforços de capacitação. Além disso, como a pobreza pode limitar severamente a capacidade do proprietário em cuidar de seus animais, a redução da pobreza entre os criadores é uma prioridade significativa para a melhoria do bem-estar animal.
- (xi) Melhorar o bem-estar animal a nível mundial vai exigir parcerias estratégicas. Em particular, a FAO deve trabalhar em cooperação com a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), a qual está desenvolvendo normas internacionais, juntamente com estratégias regionais em bem-estar animal através de algumas das suas comissões regionais; com a Organização Mundial de Saúde, e com outras instituições empenhadas a nível internacional. Também deve trabalhar em conjunto com instituições acadêmicas e associações de produtores, ONGs que se preocupam com bem-estar animal e outras ONGs relevantes, instituições financeiras e com o setor privado para facilitar o financiamento, execução e comunicação das inicia-

tivas relacionadas com o bem-estar animal. A FAO deverá também promover as parcerias entre organizações com capacidades complementares (tais como entre organizações com capacidades de financiamento e aquelas com competência em capacitação), cuja cooperação poderia apoiar a implementação de boas práticas de bem-estar animal.

- (xii) Para por em prática essas recomendações, a FAO deverá identificar e capacitar recursos humanos, que tenham conhecimentos em matéria de bem-estar animal e as suas aplicações.

# Prefácio

O bem-estar animal é reconhecido como um componente essencial de um setor pecuário responsável. O bem-estar animal é também conceituado como parte integrante de programas que melhoram a saúde animal, aumentam a produção pecuária, respondem a catástrofes naturais onde animais estão envolvidos e atuam de forma a definir a adequação entre a composição genética dos animais e os ambientes em que são mantidos.

A FAO reconhece, por outro lado, que as práticas bem-estar animal, apesar dos seus evidentes impactos positivos, são insuficientemente aplicadas em todo o setor produtivo, tanto em sistemas tradicionais quanto nos modernos.

Para aumentar a atenção explícita e estratégica para o bem-estar animal e que esta atenção se concretize na prática, a Divisão de Saúde e Produção Animal (AGA) da FAO convocou o presente encontro para gerar um aconselhamento específico com os melhores especialistas disponíveis sobre a necessidade de capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal. Também foi reconhecido que, além dos especialistas selecionados, existem muitas informações e interesses disponíveis em bem-estar animal a partir de uma ampla gama de grupos e instituições interessadas, incluindo organizações não-governamentais, produtores e suas associações, grupos profissionais e acadêmicos.

Para usufruir deste vasto recurso, foi realizado um fórum aberto antes do encontro em que todas as partes interessadas foram convidadas a apresentar os seus pontos de vista com os especialistas. Esta foi uma experiência particularmente enriquecedora e que será utilizada novamente em futuros encontros deste tipo.

O encontro de especialistas foi muito produtivo e o relatório é de uma qualidade excepcional; este encontro de especialistas foi, dentro do histórico da AGA, uma das sessões mais conscienciosas, centradas e produtivas já realizadas. Os especialistas, as pessoas associadas e o presidente do encontro, Professor David Fraser, são merecedores de muitos elogios e respeito por contribuir para tal resultado de muito sucesso.

Evidentemente, mesmo a melhor das reuniões de especialistas é de pouca utilidade se suas recomendações não são levadas em consideração e postas em prática. O programa da AGA é o de garantir um setor pecuário responsável, que aborda o bem-estar animal, não como um ponto exclusivo, mas como uma questão que está integrada ao conjunto do desenvolvimento do setor.

A capacitação é um elemento importante do mandato da FAO; a AGA é responsável por sensibilizar, promover parcerias e reforçar as sinergias, criar e difundir informação relacionada com o bem-estar animal. A AGA lançará um website interativo dedicado ao bem-estar animal em associação com os principais parceiros dos setores público e privado.

Os resultados do encontro de especialistas vêm em um momento muito oportuno, quando a FAO se prepara para o seu novo Quadro Estratégico e o seu correspondente Plano de Médio Prazo. Isto oferece a oportunidade de integrar sistematicamente as dimensões de bem-estar animal no programa da FAO, como um programa de apoio para um setor pecuário mais responsável, conforme as recomendações feitas no encontro.



Samuel Jutzi  
Diretor  
Divisão de Saúde e Produção Animal

# 1. Introdução

## 1.1 HISTÓRICO

O bem-estar das pessoas e dos animais estão intimamente ligados. Em muitas regiões, um fornecimento seguro de alimentos para as pessoas depende da saúde e da produtividade dos animais, e estes, por sua vez, dependem dos cuidados e da alimentação que animais recebem. Muitas doenças humanas são derivadas dos animais, assim, a prevenção destas doenças é importante para preservar a saúde humana. Cerca de um bilhão de pessoas, incluindo muitos dos mais pobres do mundo, dependem diretamente dos animais para o seu sustento, condição social e de segurança, bem como alimentação e vestuário. Assim, o bem-estar dos animais é essencial para os meios de vida dessa população. Além disso, essas relações positivas com os animais são importantes fontes de conforto, contato social e identificação cultural para muitas pessoas.

A utilização de animais para a produção de alimentos (que envolve, de longe, o maior número de animais utilizados por seres humanos) está mudando rapidamente. Nos países mais industrializados, a produção, que se dá com dietas a base de grãos (especialmente as produções de suínos e aves), mudou drasticamente para uma maior concentração de animais em menor número de unidades de maiores dimensões, geralmente em recintos fechados. Em alguns países, o número de granjas de suínos e aves é atualmente inferior a um décimo do número comparado a meio século atrás, porém este número reduzido de granjas está produzindo uma maior quantidade de produtos de origem animal. Ainda mais marcantes são as mudanças nos países em desenvolvimento. Nos últimos 50 anos, a produção e o consumo de carne em países em desenvolvimento mudou e aumentou muito, e atualmente representa mais da metade da produção mundial de carne.

Esses aumentos maciços na produção envolveram uma ampla variedade de sistemas de produção, incluindo a agricultura de subsistência, a produção comercial de pequena escala e a produção de escala industrial, que usa métodos desenvolvidos em países industrializados. Diversos aspectos desses sistemas de produção, juntamente com o transporte e abate de um enorme número de animais, geram uma série de questões de bem-estar animal.

Como pano de fundo para esses desenvolvimentos, a população humana do mundo e a correspondente demanda de produtos de origem animal continuam a aumentar a níveis sem precedentes. O conseqüente aumento da produção animal levanta uma série de questões éticas, incluindo a sustentabilidade ambiental e o acesso seguro aos alimentos, que devem ser considerados conjuntamente com a crescente preocupação com o bem-estar animal.

O bem-estar animal também se tornou foco de um campo emergente da pesquisa científica. Grande parte do trabalho básico tem sido feito nos países desenvolvidos, o qual é principalmente centrado nos problemas de sistemas intensivos de produção



animal. No entanto, os métodos da ciência do bem-estar animal são amplamente aplicáveis a uma grande variedade de problemas de bem-estar observados no espectro dos métodos de produção, assim como, em questões relacionadas com o bem-estar animal durante o transporte e o abate.

Por fim, o bem-estar animal está ganhando reconhecimento como fator relevante para o sucesso do desenvolvimento internacional. É parte de programas para melhorar a saúde animal, para desenvolver a produção animal, para responder a catástrofes naturais onde há animais envolvidos, assim como, para adaptação da constituição genética dos animais ao ambiente em que são criados. As organizações de desenvolvimento que não levam em consideração o bem-estar animal podem perder oportunidades importantes para melhorar a vida das pessoas que dependem dos animais para sua subsistência. Além disso, o cumprimento das normas de bem-estar animal pode promover a melhoria da tecnologia e dar acesso aos mercados internacionais para os produtos dos países menos desenvolvidos, contribuindo assim para o desenvolvimento.

Por todas estas razões, é coerente que a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) deve dar uma atenção mais explícita e estratégica para o bem-estar animal através de atividades de capacitação em países em desenvolvimento.

## **1.2 PROCESSO**

Com o intuito de direcionar suas atividades, a FAO convocou um Encontro de Especialistas para dar opiniões em "Capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal". Este encontro começou com um convite aberto aos especialistas com conhecimentos sobre o assunto. Posteriormente, estes especialistas foram selecionados baseando-se em suas vivências e diversidade geográfica. Foi explicitamente solicitado que estes servissem pessoalmente e não representando os interesses ou pontos de vista de qualquer organização a que estivessem conectados. Também foi feito um convite aberto a organizações e indivíduos que estivessem interessados em apresentar suas posições e pontos de vista para os especialistas num fórum aberto, realizado na segunda-feira, 29 de setembro de 2008. Por quatro dias (de 30 de setembro até 3 de outubro de 2008), os especialistas se reuniram para as discussões e redação do relatório. Durante este período, os especialistas também contaram com catorze conhecedores do assunto (oito pessoas da FAO e seis de outras organizações), assim como, com quatro servidores da FAO que trabalharam na secretaria do encontro.

## **1.3 ESCOPO**

Em qualquer discussão sobre bem-estar animal, uma questão fundamental é quais espécies de animais devem ser incluídas. O grupo de especialistas decidiu centrar-se sobre o bem-estar dos animais de produção (animais terrestres domesticados utilizados na produção de alimentos), incluindo aqueles utilizados para o trabalho. Portanto, a discussão se centrou em bovinos e outros bovídeos, cavalos e outros equídeos, ovinos, caprinos, suínos, assim como, em várias espécies de aves que são normalmente criadas para carne ou ovos. Muitos dos princípios devem também ser aplicados a outras questões relacionadas com animais, tais como controle de cães de rua e estes também poderiam muito bem ser estendidos no futuro para o uso e produção de animais aquáticos.

## 1.4 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Como ponto de partida para os seus debates, os especialistas notaram:

- Na agropecuária, há fortes ligações entre o bem-estar, a sanidade e a produção animal.
- O bem-estar animal é um assunto complexo e frequentemente tem uma forte carga emocional. As diferenças culturais podem levar pessoas de boa fé a defender vias de ação distintas. A incapacidade de reconhecer estas diferenças, especialmente os diferentes valores culturais que estão presentes nos países em que a FAO atua, pode levar à rejeição das tentativas de melhorar o bem-estar animal.
- As bem conhecidas “cinco liberdades”, bem como a declaração dos elementos necessários para que estas sejam alcançadas (Apêndice E) fornecem valiosas orientações éticas e práticas para a melhoria do bem-estar animal.
- Os 12 Critérios de Bem-Estar Animal relacionados no Projeto Welfare Quality (Apêndice E) fornecem valiosas orientações sobre a avaliação científica do bem-estar animal.
- A definição de bem-estar animal utilizado pela OIE (Apêndice E) determina o escopo da definição.
- No contexto das atividades da FAO, o bem-estar do animal pode e deve contribuir para a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (Apêndice E).
- O Projeto de Declaração Universal de Bem-Estar Animal (WSPA 2007), promovido pela Sociedade Mundial de Proteção Animal (WSPA), respaldado conceitualmente pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e por muitos governos e organizações não-governamentais, fornece uma valiosa base filosófica para orientar os esforços que visam melhorar o bem-estar dos animais.



## 2. Impactos e benefícios das boas práticas de bem-estar animal

Dada a forte relação entre o bem-estar, sanidade e produtividade animal, práticas desenhadas para promover um bom nível de bem-estar animal frequentemente levam a melhorias na produção animal:

- Boas técnicas de manejo podem melhorar o crescimento e a reprodução, reduzindo a dor, o medo e as reações fisiológicas de estresse provocadas pelo manejo bruto ou inadequado.
- O fornecimento de dietas adequadas e de água potável contribui para manter a saúde e a produtividade dos animais.
- Proporcionando condições de vida adequadas aos animais pode-se reduzir a incidência de comportamentos danosos e anormais.
- O fornecimento de ambientes e equipamentos seguros e confortáveis (estábulo, pavimentação, arreios) pode prevenir lesões e perdas de produção.
- Ao proporcionar um espaço adequado pode-se prevenir perdas de produção e mortes relacionadas com a superlotação.
- Ao melhorar o embarque e o transporte de animais pode-se reduzir contusões e lesões que resultam em desclassificação das carcaças.
- A utilização de técnicas e equipamentos adequados no processo de abate deve minimizar a dor, o medo e o distresse, melhorando a qualidade da carne.
- Uma melhor atenção dos criadores para com seus animais melhora o potencial para o diagnóstico precoce de doenças, de diminuição da produção e de problemas de comportamento, consequentemente aumentando a possibilidade de uma intervenção eficaz.

A melhoria da saúde animal também pode diminuir os riscos para a saúde humana, especialmente em países em desenvolvimento. A vacinação para doenças como a brucelose e raiva animal pode diminuir a morbidade e mortalidade, reduzindo também o risco potencial de transmissão dessas doenças para os humanos. Pela diminuição da superlotação pode-se reduzir o risco de propagação da tuberculose entre os animais e subsequente infecção dos seres humanos.

A segurança e a qualidade dos produtos alimentícios são também influenciadas por fatores que afetam o bem-estar animal. Alimentar os animais lactantes com uma dieta nutricionalmente equilibrada ajuda a manter o valor nutricional do leite. O manejo cuidadoso dos animais antes e durante o abate ajuda a prevenir problemas na qualidade da carne (Gregory 2007), especialmente as síndromes de carne PSE (pálida, mole e exudativa) e DFD (escura, firme e seca). A melhoria da saúde e do bem-estar animal pela melhoria do saneamento e da higiene também melhora a segurança dos alimentos, por exemplo, diminuindo triquinose, equinococose, e salmonelose.

Além de tais benefícios práticos, a interação positiva com os animais pode proporcionar benefícios psicossociais que são importantes para o bem-estar humano. Contribui para ensinar a ética do cuidado, pois pode ser uma força de coesão numa família, numa comunidade ou num negócio. Assim como, o envolvimento com os animais pode ser uma fonte de orgulho, interesse e companheirismo. A atenção com o bem-estar animal também pode ter benefícios mais amplos para as comunidades humanas. Em muitas áreas rurais, a subsistência dos pequenos agricultores está intimamente ligada à sobrevivência, a saúde e a produtividade de seus animais. Assim, melhorando estes aspectos, as boas práticas de bem-estar animal podem ajudar a manter a prosperidade e o emprego rural, com os consequentes benefícios da estabilidade familiar e da comunidade.

Por fim, as boas práticas de bem-estar animal podem melhorar a posição da mulher nas comunidades rurais, onde estas estão envolvidas na produção animal. Dar às mulheres ferramentas e oportunidades de cuidar do gado leiteiro, aves e outros animais muitas vezes, conduz a bons cuidados dos animais e aumento na produtividade animal, consequentemente, aumentando a segurança alimentar para as mulheres e crianças. Isto ao mesmo tempo valoriza as mulheres, pois elas desempenham um papel crucial no fornecimento de renda e de alimentos para suas famílias.

Devido ao bem-estar animal ser um conceito complexo, as ligações entre a melhoria do bem-estar animal e de outros resultados são também frequentemente complexas. Uma melhoria em um aspecto do bem-estar animal pode ter efeitos negativos sobre outros aspectos; por exemplo, deslocar animais para ambientes externos para se evitar os problemas do sistema de confinamento pode levar ao aumento da exposição às duras condições climáticas, parasitas ou predadores. Assim como, melhorar o bem-estar animal não traz necessariamente benefícios econômicos, por exemplo, o custo do fornecimento de rações de alta qualidade, ambientes ou cuidados veterinários pode exceder o valor financeiro de qualquer resultado de aumento de produtividade.

No entanto, existem muitos exemplos de melhoria do bem-estar animal conduzindo a benefícios claros para os humanos. Estes geram ampla margem para alcançar melhores resultados para pessoas e animais ao mesmo tempo. É mais provável se obter sucesso utilizando-se de uma abordagem do bem-estar animal que foca em benefícios para a população, especialmente nas regiões do mundo onde muitas pessoas sofrem de pobreza e fome, (McCrindle 1998).

### 3. Abordagens culturalmente apropriadas

Os 192 países membros da FAO possuem cenários sociais, culturais, religiosos e econômicos muito diferentes. Estas circunstâncias devem ser reconhecidas e respeitadas, tanto devido à sua importância intrínseca, quanto para atingir bons resultados no bem-estar animal.

Todas as grandes religiões do mundo ensinam a compaixão e a benevolência para com os animais, mas também há grandes diferenças de crenças sobre sua natureza e condição moral (Waldau e Patton 2006). As religiões abraâmicas (cristianismo, islamismo e judaísmo), são originadas de culturas pastoris, as quais estabeleciam uma diferença nítida no estado moral entre seres humanos e outras espécies. Estas religiões tradicionalmente atribuíram grande importância ao zelo pelos animais, ao mesmo tempo em que a maioria dessas considera moralmente aceitável a sua propriedade, utilização e sacrifício. Em algumas religiões orientais, a linha entre seres humanos e não humanos é menos absoluta. Além disso, alguns animais em específico (bovinos na Índia, cães e gatos no Ocidente) são tão culturalmente significativos que o abate destas espécies para alimentação humana encontra uma resistência muito forte. Na promoção de boas práticas de bem-estar animal devem ser levadas em consideração as normas religiosas, culturais e sociais, assim como as crenças populares. O quadro 1 descreve uma intervenção prática para melhorar o bem-estar animal de uma forma que condiz com as normas culturais da região.

Há também diferenças culturais importantes na compreensão do povo sobre bem-estar animal (Fraser 2008a). Nos países industrializados, o debate sobre o que constitui uma vida aceitável para os animais tende a tangenciar o debate antecedente sobre o bem-estar dos trabalhadores industriais. Uma visão (muitas vezes expressada por criadores de animais) atribui uma importância primordial à saúde básica e ao bom funcionamento do organismo, argumentando que a alta produtividade é um forte indicador de bem-estar animal. Um outro ponto de vista atribui importância primordial à liberdade dos animais para viver de uma maneira razoavelmente natural, argumentando que o bem-estar fica comprometido pelos sistemas industrializados e de confinamento, mesmo que estes gerem alta produtividade. Em países não desenvolvidos o bem-estar animal pode ser visto novamente de uma perspectiva diferente, atrelada à exigência de uma boa alimentação, abrigo e proteção. Mesmo que estas perspectivas concorrentes possam atrapalhar a discussão de bem-estar animal, na prática elas fornecem também uma variedade de pontos de partida úteis para promover um melhor bem-estar dos animais dentro de uma determinada cultura humana.

### QUADRO 1 Modernização das gaushalas na Índia

A vaca é considerada sagrada na cultura indiana e o abate destes animais é proibido na maioria dos estados da Índia. Quando as vacas param de produzir leite, os proprietários não têm mais capacidade para continuar a cuidar delas; somando-se ao avanço da mecanização, vindo a reduzir a procura de bois (machos) para a utilização da força de tração. O resultado é um grande número de animais abandonados que geram uma perturbação da ordem pública, estabelecendo uma marginalização desses animais, assim como de seu bem-estar.

A sociedade indiana tem uma longa tradição de “gaushalas” que cuidam das vacas abandonadas. Existem cerca de 4000 gaushalas na Índia. Este número continua aumentando para responder ao crescente número de animais encontrados nesta condição. Muitos gaushalas têm 1000 bovinos ou mais, alguns têm mais de 10.000.

O financiamento dos gaushalas tem sido um desafio constante. Em resposta, o Conselho de Bem-Estar Animal da Índia deu início a um programa de modernização para tornar os gaushalas financeiramente auto-sustentáveis e para aumentar o valor de vacas na agricultura indiana. O “Modelo Gaushalas” usa os bovinos para uma série de finalidades, incluindo:

- geração de biogás a partir de estrume para aquecimento, cozinha, iluminação e geração de energia elétrica;
- produção de adubo orgânico, a partir de estrume excedente com a ajuda das minhocas;
- utilização do poder de tração de bois para gerar energia para iluminação e irrigação;
- produção de extrato de urina de vaca, que é utilizado na medicina tradicional indiana;
- programas de melhoramento genético de raças locais de bovinos indianos, utilizando vacas selecionadas e sêmen de touro de alta qualidade.

Além disso, o pessoal do “Modelo Gaushalas” treina agricultores locais na utilização de bois para tração com carroças melhoradas e implementos agrícolas, para permitir que os agricultores utilizem força de tração em vez de métodos mecanizados caros. O “Modelo Gaushalas” também é utilizado para treinar a população local para cuidar dos animais em caso de catástrofes naturais.

Outra perspectiva influenciada pelas crenças modernas, reforçada pela ciência moderna, é a de que os animais são “seres sensientes” que experimentam sensações como a dor, sofrimento e felicidade. Este ponto de vista tem ganhado tanta força na ciência que a prevenção e o controle de dor e sofrimento dos animais são considerados exigências éticas para a prática da pesquisa e ensino científicos nos países ocidentais.

Na medida em que esta perspectiva se difunde globalmente através dos meios científicos e veterinários, ela pode criar uma nova sobreposição de crenças tradicionais e dar um novo impulso para a consideração do bem-estar dos animais. Por exemplo, ela pode reforçar medidas para o manejo dos animais de trabalho, eutanásia humanitária dos animais que sofrem de dores ou doenças não passíveis de tratamento e métodos de abate humanitários que evitam medo e dor.





## 4. Pesquisa e ciência

### 4.1 ESTIMULAR A APLICAÇÃO DA CIÊNCIA DO BEM-ESTAR ANIMAL

A ciência do bem-estar animal tem se configurado ao longo de várias décadas como um campo multidisciplinar, que compreende uma combinação de comportamento animal, fisiologia do estresse, nutrição, genética, medicina veterinária e outras disciplinas que envolvem os problemas de bem-estar animal. O Quadro 2 exibe três exemplos ilustrativos que mostram como a pesquisa do bem-estar animal tem sido utilizada na obtenção de três amplos objetivos: melhorar a saúde básica e funcional dos animais; evitar o medo, dor e de outros estados negativos e permitir que os animais vivam de uma maneira para a qual eles estão adaptados. Os exemplos mostram também que a pesquisa em bem-estar animal tem sido empregada em diversos aspectos da produção animal, para o desenho do ambiente, métodos de manejo e sistemas de produção e alimentação, respectivamente. Essa pesquisa levou a muitas melhorias nas práticas de bem-estar animal, o que constituiu a base de diversas normas dentro deste tópico.

No passado, a maioria das pesquisas nesta área foi motivada por preocupação com o bem-estar animal na produção industrializada. Assim, ela tende a ser focada nos sistemas de produção típicos dos países industrializados. No entanto, dado que a maior parte de produção animal já está em países em desenvolvimento, há uma necessidade de redefinir o campo da ciência do bem-estar animal de forma mais ampla, de modo que os benefícios possam ser aplicados mais facilmente em outras partes do mundo (Fraser 2008b).

Para que isso ocorra, a melhor estratégia a longo prazo é provavelmente a criação de redes locais de ciência em bem-estar animal nos países em desenvolvimento, em vez de “paraquedismo” de especialistas vindos de outros lugares. No entanto, dada a atual força desta ciência em alguns países industrializados, seria sensato ligar as redes emergentes com oportunidades de treinamento com a colaboração de cientistas de centros já estabelecidos. Muitos desses já estão envolvidos em tais ligações. Por exemplo: o Grupo de Bem-Estar e Comportamento Animal da Universidade de Bristol colabora na pesquisa sobre o bem-estar dos animais de trabalho no Egito, Guatemala, Índia e outros países (Swann 2006), a Equipe de Treinamento em Bem-Estar Animal, também da Universidade de Bristol, realizou um treinamento para trabalhadores de abatedouros no sudeste da Ásia (Quadro 3) e na América Central. O Programa de Bem-Estar Animal da Universidade de Columbia Britânica recebeu e tem colaborado com 40 cientistas visitantes do Brasil, México, Polônia e Irã. Assim como, o Centro de Alimentação e Bem-Estar Animal da Universidade de Purdue já recebeu pesquisadores e estudantes chineses para visitas científicas e estágios, e auxilia a Universidade de Cracóvia, na Polônia, em estabelecer um programa de comportamento e bem-estar de suínos.

Os cientistas e os acadêmicos de centros de liderança em ciência do bem-estar animal têm realizado centenas de oficinas e palestras em todas as regiões do mundo

## QUADRO 2

### Ciência do Bem-estar Animal

A ciência do bem-estar animal tem utilizado um conjunto de disciplinas para atingir três grandes objetivos: melhorar a saúde básica e funcional dos animais; evitar o medo, dor e de outros estados negativos; e permitir que os animais vivam de uma maneira para a qual eles estão adaptados. Os exemplos seguintes ilustram pesquisas feitas em prol destes objetivos.

1. Na Suécia, uma série de estudos usou os métodos de patologia para identificar o modo como os diferentes modelos de desenho de gaiolas disponíveis no mercado podem gerar lesões em galinhas poedeiras. Os estudos mostraram que as galinhas desenvolveram lesões podais quando o piso estava demasiadamente inclinado, lesões no pescoço se o comedouro fosse muito profundo ou instalado num local muito elevado não permitindo fácil acesso, assim como unhas exageradamente compridas se não houvesse material abrasivo sobre o piso onde a galinha pudesse gastá-las. As pesquisas levaram a um desenho de gaiolas mais eficiente que melhorou a saúde e a produtividade das aves, e também tornaram a base das normas do bem-estar animal na União Europeia (Tauson 1998).

2. Estudos na Austrália mostraram como o manejo grosseiro dos animais pode levar a um medo prolongado em relação aos humanos e reduções de produtividade correspondentes. Um estudo envolvendo 66 fazendas leiteiras mostrou que, nas propriedades onde o pessoal manejava o gado com dureza, os animais apresentaram uma resposta persistente de medo às pessoas, tinham níveis mais elevados do hormônio cortisol no leite (relacionados ao estresse) e menor produção leiteira. Os resultados indicaram uma resposta duradoura de estresse causada por medo crônico aos humanos, o que interfere nos processos hormonais necessários para a produção e liberação do leite. Essa pesquisa levou a programas de treinamento que ensinam métodos de manejo com baixo nível de estresse (Hemsworth *et al.* 2000).

3. No Canadá, os bezerros leiteiros têm sido tradicionalmente alimentados por balde duas vezes ao dia no momento em que as vacas são ordenhadas. Com essa baixa frequência de refeições, a ingestão fica geralmente limitada, de modo que não sobrecarrega o sistema digestivo com muito leite de uma só vez. Em contraste, os bezerros criados ao pé da vaca mamam várias vezes por dia, através de pequenas refeições, atingindo uma maior ingestão diária. As pesquisas mostram que se os bezerros têm livre acesso a bicos artificiais com pequenos orifícios e lentas taxas de fluxo, eles irão consumir leite com uma frequência de alimentação mais natural e na quantidade certa, isso resultou em maiores ganhos de peso e menores sinais de fome crônica. As pesquisas conduziram a sistemas mais eficientes de alimentação dos bezerros (Rushen *et al.* 2008).

onde a produção animal está presente. Abordagens mais formais estão sendo também utilizadas para promover essa cooperação. Por exemplo, o Projeto de pesquisa “Welfare Quality”, financiado pela Comissão Europeia, criou uma rede científica internacional envolvendo cientistas da Europa e da América Latina para desenvolver esquemas de avaliação de bem-estar animal aplicáveis a uma variedade de sistemas agropecuários. A OIE nomeou certos “Centros Colaboradores” com especialistas em bem-estar animal que podem oferecer treinamento, organização de encontros científicos e se relacionar com instituições de pesquisa nos países mais pobres. A FAO poderia contribuir para

### QUADRO 3

#### **Treinamento em bem-estar animal para trabalhadores de abatedouros na Indonésia**

A equipe de Treinamento em Bem-Estar Animal (AWT), da Universidade de Bristol, Reino Unido, envolveu-se com a capacitação dos trabalhadores de abatedouros na Indonésia em 2002, com o apoio da Sociedade Humanitária Internacional (HSI) e da Yudisthira, organização de bem-estar animal local.

A exploração inicial dos fatos e a avaliação inicial das necessidades identificaram muitas áreas que necessitavam de melhorias. Estas incluíam: má higiene, manutenção ineficiente, má iluminação que impediu a inspeção minuciosa dos animais, facas com cortes cegos e ausência de instrumentos para afiá-las, a falta de treinamento, manejo agressivo dos animais e utilização deliberada de dor para controlar sua movimentação.

Um primeiro workshop sobre questões de bem-estar e qualidade aconteceu em Bali em 2002, e foi dirigido aos delegados em exercício de abatedouros tradicionais e comerciais. Dado o sucesso do seminário, um treinamento mais extenso foi então desenvolvido com o objetivo de gerar uma capacitação nativa sustentável. Os participantes mais promissores da oficina de 2002 foram designados como educadores locais que, então, desenvolveriam e realizariam cursos similares para os outros trabalhadores. O programa de treinamento destes educadores incluiu tanto a experiência prática, como a teórica, abordando questões de bem-estar animal e qualidade, falta de consciência, atordoamento, abate, códigos de boas práticas e avaliação do bem-estar.

Posteriormente, os participantes de programa elaboraram o primeiro “Códigos de Práticas” de Bali para as indústrias de bovinos e de suínos, cobrindo os temas de desembarque e manejo dos animais, contenção pré-abate, abate, preparação, tratamento da carcaça, cortes e higiene pessoal. Enquanto o programa progredia em Bali, o treinamento se expandiu para outras áreas da Indonésia com o apoio do HSI, da Yudisthira, da WSPA, da Associação Médica Veterinária Indonésia e do governo indonésio.

estes esforços através da identificação de problemas e oportunidades em bem-estar animal por meio dos programas nacionais, assim como, ajudando a identificar colaborações em pesquisas que poderiam ser aplicadas e colocadas em prática.

#### **4.2 DIVULGAÇÃO DA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA**

Existe também a necessidade de tornar as descobertas da ciência do bem-estar animal mais amplamente disponíveis, não só aos pesquisadores, mas aos veterinários, consultores agropecuários e outras pessoas envolvidas diretamente com a capacitação na produção animal. A pesquisa em bem-estar animal tende a ser divulgada a um vasto número de periódicos científicos que envolvem a ciência animal, medicina veterinária, comportamento animal e mais os jornais especializados, como o “Animal Welfare” e “Journal of Applied Animal Welfare Science”. Através do seu sistema de bibliotecas, a FAO poderia tornar estas e outras fontes científicas mais acessíveis aos países em desenvolvimento.

#### **4.3 AVALIAÇÃO CIENTÍFICA DO BEM-ESTAR ANIMAL**

A avaliação científica do bem-estar animal envolve múltiplos critérios que podem ser aplicados em três níveis diferentes:

- Critérios “baseados nos animais” que servem para avaliar os animais em si. Estes incluem a presença de lesões, a incidência da doença, escore de condição corporal, bem como o desempenho de certos comportamentos. Na avaliação do transporte dos animais, por exemplo, poderia incluir a taxa de sobrevivência e a incidência de contusões e de lesões. Muitos destes critérios são diretamente relevantes para o bem-estar animal e podem ser usados dentro de uma ampla gama de meios de produção. No entanto, eles fornecem apenas “uma foto” no tempo, já que outros grupos de animais podem reagir diferentemente nas mesmas condições.
- Critérios “baseados nos recursos” que servem para avaliar o alojamento, alimentação e outros recursos que são destinados aos animais. Estes são relativamente fáceis de medir e sua ligação com o bem-estar dos animais pode ser estabelecida pela pesquisa. Contudo, estes critérios não garantem uma boa condição de bem-estar em qualquer momento, já que, por exemplo, os animais podem sofrer de doença ou medo, apesar de terem um ambiente adequado e outros recursos. Estes critérios “baseados em recursos” podem ser mais aplicáveis a sistemas de produção relativamente uniformes (tais como gaiolas destinadas à produção de ovos), quando ligações previsíveis entre recursos e bem-estar podem ser estabelecidas através de pesquisa. No entanto, tais critérios podem não ser bons indicadores de bem-estar animal quando aplicados em sistemas de produção muito diferentes.
- Critérios “relativos à gestão” focam no cuidado humano como um fator importante no bem-estar animal. Eles podem incluir a competência do pessoal no manejo, práticas de alimentação, estratégias de higiene e manutenção de registros. Mesmo existindo uma importante correlação entre os cuidados humanos e bem-estar dos animais em geral, os critérios “baseados na gestão” são indicadores relativamente indiretos do bem-estar animal.

Tal como mencionado anteriormente, a avaliação do bem-estar animal é complicada pelas diversas maneiras em que os animais são mantidos. Uma boa condição de bem-estar animal é resultado da interação complexa entre genética, nutrição, meio ambiente, saúde, capacidade de gestão e outros fatores. Portanto, os esforços para monitorar e melhorar o bem-estar animal precisam de uma abordagem orientada por um sistema que utilize uma vasta gama de informações e que captem as complexas interações existentes (Sundrum 2006). A avaliação do bem-estar animal necessita identificar as causas dos problemas do bem-estar e as oportunidades para a intervenção bem sucedida em todo o sistema ou na cadeia produtiva.

Embora a avaliação do bem-estar animal deva ser baseada na ciência, também deve ser feita com a participação plena das pessoas envolvidas (RSPCA 2008). A Pesquisa da Ação Participativa (Reason e Bradbury 2001) fornece valiosas abordagens para avaliar as necessidades, entender percepções e práticas tradicionais, identificar ativos sociais e materiais, assim como, planejar intervenções benéficas, tudo isso com a plena participação do público alvo (ver Quadro 4).

#### **4.4 A CIÊNCIA COMO BASE PARA AS NORMAS**

As declarações políticas muitas vezes exigem que o bem-estar animal deva ser fundamentado pela ciência. Este conceito é adequado, mas deve ser entendido no seu contexto (Giere 2006). Devido ao fato do bem-estar animal ser um conceito complexo, suas normas podem (conforme descrito abaixo) ser designadas para satisfazer diferentes objetivos neste âmbito. Por exemplo, algumas normas são descritas principalmente para assegurar um elevado nível de saúde até a idade de abate; outras incluem metas adicionais, tais como evitar a dor ou permitir que animais descansem confortavelmente. Uma vez que os objetivos foram estabelecidos, a ciência pode indicar que disposições devem ser tomadas para que os objetivos sejam cumpridos. Tais normas são de fato embasadas cientificamente, mas também em decisões éticas sobre os objetivos que devem ser alcançados tratando-se de bem-estar animal. Especialmente, se as normas são decididas por um processo político, como um consenso entre as partes ou países interessados. Existem também decisões políticas importantes em relação aos objetivos e medidas que as diferentes partes estão dispostas a apoiar.



## 5. Normas e legislação

### 5.1 NORMAS SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL E PROGRAMAS DE GARANTIA

Os últimos 50 anos viram a emergência de uma vasta gama de regras e programas de garantia destinados a promover a utilização de boas práticas de bem-estar animal. Estas regras e programas dividem-se em cinco grandes formatos (Fraser 2006), que são projetados para atingir diferentes objetivos políticos e comerciais:

- Códigos voluntários de bem-estar, em alguns casos criados por organizações industriais e que estiveram entre os primeiros programas a serem desenvolvidos. Em geral, eles são destinados a: (1) educar os criadores e o público sobre as práticas adequadas de bem-estar animal; (2) garantir ao público que o bem-estar animal é considerado na indústria, embora esta possa deixar de cumprir o objetivo, a menos que medidas adicionais (tais como de auditoria ou certificação) sejam utilizadas para demonstrar seu nível de cumprimento.
- Programas corporativos, muitas vezes utilizados pelo varejo e restaurantes, têm a intenção de assegurar aos clientes que as normas do bem-estar animal são seguidas na cadeia de abastecimento da empresa. Isto pode ser utilizado para manter a fidelização e satisfação dos clientes.
- Os programas de diferenciação dos produtos (rotulagem) são utilizados pelos fabricantes, ou por terceiros, tais como organizações de proteção aos animais, para identificar os produtos que são produzidos de acordo com as normas ou sistemas de produção definidos. Estes permitem aos consumidores comprar seletivamente e apoiar os tipos de produção animal que desejam.
- As normas legais, que são utilizadas pelos governos para assegurar aos eleitores e parceiros de negócios que as normas de bem-estar animal são observadas dentro de uma jurisdição.
- Os acordos internacionais, como os criados por tratados ou organização inter-governamentais, que são utilizados para estabelecer padrões comuns entre os diferentes países e para evitar que as diferentes normas travem o comércio internacional.

Em adição a estes diferentes formatos, o bem-estar animal inclui diferentes requisitos que permitem atingir diferentes objetivos neste âmbito. Estes geralmente caem no domínio de quatro grandes objetivos:

- manter os cuidados básicos de saúde e funcionamento biológico dos animais;
- evitar ou reduzir os estados negativos, tais como dor, medo e distresse;
- permitir que os animais realizem determinados tipos de comportamento natural;
- proporcionar aos animais determinados elementos naturais no seu ambiente.

Muitas normas de bem-estar animal diferem no que eles necessitam, porque enfatizam estes diferentes objetivos em diferentes graus. Por exemplo, algumas das mais elementares normas simplesmente requerem espaço suficiente, alimento e água para



manter os cuidados básicos de saúde e funcionamento biológico dos animais; enquanto que outras requerem recursos adicionais para promover o conforto e permitir que os animais manifestem certos tipos de comportamento que eles são altamente motivados a apresentar (Fraser 2006).

As intervenções para promover as boas práticas de bem-estar animal devem incluir uma análise das possíveis funções e benefícios das diferentes normas de bem-estar animal e dos programas de garantia, assim como da capacitação, que é necessária para facilitar o cumprimento destes.

## 5.2 LEGISLAÇÃO

Muitos países têm algum tipo de legislação relevante para o bem-estar animal, mas as abordagens variam amplamente.

Algumas das leis mais básicas relacionadas com animais são legislações anti-crueldade. Essas são frequentemente leis criminalistas destinadas a punir atos anti-sociais contra os animais, especialmente a negligência e o sofrimento provocado intencionalmente. Algumas leis anti-crueldade foram adotadas reconhecendo-se que os indivíduos deliberadamente cruéis com os animais são muitas vezes perigosos para outras pessoas. As leis de anti-crueldade têm uma relevância limitada para problemas comuns de bem-estar animal na produção de alimentos, porque a maioria dos problemas de bem-estar animal não é resultante de crueldade intencional.

Mais relevante para os problemas de bem-estar animal são as leis e regulamentos que exigem que determinadas normas devam ser mantidas para a mobilização, transporte e abate de animais. Por exemplo, muitos países têm leis de transporte de animais que especificam o máximo de tempo que os animais podem ser transportados em veículos sem comida, água e descanso. Muitos países também possuem leis de abate humanitário que especificam a forma como os animais devem ser tratados imediatamente antes e durante o abate. Alguns países, especialmente da Europa, possuem leis que regem a lotação de animais nas fazendas, por exemplo, especificando o espaço mínimo que os animais devem ter em sistemas de produção em confinamento.

Outra abordagem legislativa é a de proporcionar o reconhecimento oficial de códigos voluntários ou outros documentos de orientação. Por exemplo, a Nova Zelândia durante muitos anos tinha códigos de bem-estar para a produção animal; estes eram um conjunto de práticas recomendadas amplamente apoiado pela indústria, mas o cumprimento era voluntário. Porém, em 1999 se deu o reconhecimento oficial dos códigos em virtude da nova lei sobre bem-estar animal: esta não impunha a obrigatoriedade do cumprimento, mas foi especificado que a incapacidade de seguir os códigos poderia ser usada como prova nos casos em que as pessoas são processadas por um delito de bem-estar animal, assim como, o cumprimento de um código relevante pode ser usado como um meio de defesa (Ministério da Agricultura e Florestas da Nova Zelândia 2005).

Em alguns países, a legislação nacional de bem-estar animal é difícil de ser cumprida por razões políticas ou constitucionais. Por exemplo, na Austrália, muitos aspectos do bem-estar animal são da responsabilidade do governo de cada estado, e não do governo nacional. A fim de alcançar uma abordagem coerente, a Austrália ganhou o

apoio de ambos os governos estaduais e nacional para desenvolver a Estratégia de Bem-Estar Animal Australiana (Governo Australiano 2008).

A seleção de uma abordagem mais adequada para a legislação é uma decisão complexa. Uma abordagem legislativa deve adequar os valores e as prioridades de uma cultura. Isto exige comprometimento político e normalmente exigirá consultas aos agricultores e a outros interessados. Além disso, uma abordagem legislativa é susceptível de ser eficaz apenas se forem mobilizados recursos suficientes para a administração e execução. Para uma dada situação, é necessária uma análise cuidadosa para decidir qual abordagem é mais eficaz na implementação das boas práticas, incluindo as legislações envolvidas, normas não regulamentárias, educação e outras medidas.

A FAO tem grande experiência jurídica, e, no passado, a FAO prestou assessoria e apoio aos países que pretendiam desenvolver outros tipos de leis relacionadas à agricultura e alimentação. A FAO poderia considerar o desenvolvimento de grupo especializado em direito de bem-estar animal, a fim de ajudar os países a decidir e implementar a abordagem mais adequada às suas circunstâncias específicas. Isto poderia ser feito em cooperação com ONGs de bem-estar animal, algumas das quais têm uma experiência jurídica significativa; e com a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), que está desenvolvendo orientações sobre legislação veterinária abordando os papéis e as responsabilidades dos serviços veterinários, assim como, também está trabalhando com muitos países para apoiar o desenvolvimento da legislação de saúde e bem-estar animal.

### **5.3 NORMAS E ACORDOS INTERNACIONAIS**

As normas e os acordos internacionais têm desempenhado um papel crescente no bem-estar animal nas últimas décadas.

O Conselho da Europa, com 47 países membros em 2008, vem criando acordos internacionais relacionados com o bem-estar animal desde a década de 1960. Por exemplo, a Convenção Europeia para a Proteção dos Animais durante o Transporte Internacional, primeiramente elaborada em 1968 e revista em 2003, estabeleceu as condições gerais para o transporte de animais. Foram criadas recomendações detalhadas para suínos, equinos, bovinos, ovinos e caprinos, e aves. A Convenção Europeia para a Proteção dos Animais nas Explorações Pecuárias, realizada em 1976, forneceu os princípios básicos para a manutenção, cuidados e alojamento dos animais, especialmente, em sistemas de pecuária intensiva. Recomendações detalhadas foram posteriormente preparadas para bovinos, ovinos, caprinos, suínos, várias espécies de aves e peixes (Conselho da Europa 2008). A Convenção (que foi ratificada por 33 países) está aberta à adesão por países não europeus; as recomendações podem ser aplicadas por todos os países. A ratificação ou implementação pelos parceiros comerciais poderia prover um meio de estabelecer equivalência das normas de bem-estar animal.

A União Europeia (UE), com 27 países membros em 2008, também desenvolve políticas e padrões mínimos para o bem-estar e a proteção dos animais há aproximadamente 30 anos. Desde a década de 1980 um grande número de “regulamentos” e “diretivas” (acordos que os países membros são obrigados a traduzir para a legislação nacional)

definiram padrões mínimos para o transporte e abate dos animais, bem como aspectos do ambiente de produção, como a criação de um espaço físico em sistemas de criação em confinamentos. O Protocolo sobre Proteção e Bem-Estar dos Animais da UE, anexo ao Tratado de Amsterdã (que altera o Tratado da União Europeia), reconhece os animais como “seres sensientes” e pede aos estados membros para a “prestar atenção às exigências do bem-estar dos animais, respeitando as disposições legislativas ou administrativas e aduaneiras dos estados membros, em particular, a ritos religiosos, tradições culturais e patrimônio regional” (União Europeia, 1997).

A Organização Mundial da Saúde Animal (OIE), com 172 países membros em 2008, identificou o bem-estar animal como uma prioridade estratégica em 2001. Posteriormente, um processo envolvendo países membros, cientistas, indústria e organizações não-governamentais resultou na elaboração de normas para o transporte de animais por via terrestre, marítima e aérea, assim como, normas para o abate de animais para consumo humano e para fins de controle de doenças. Estas normas (OIE 2008) foram aceitas pelos países membros em 2005. Em 2008, grupos de especialistas ad hoc elaboraram textos complementares sobre outros tópicos, incluindo o controle das populações de cães de rua, bem-estar dos animais de laboratório e o transporte de animais aquáticos. Estes textos estão susceptíveis de serem propostos aos países membros para eventual adoção no futuro. Além disso, a OIE organizou a “Conferência Mundial sobre Bem-Estar Animal” em 2004 e 2008 para estimular o desenvolvimento e a implementação das suas normas de bem-estar animal (OIE 2004), assim como, tem publicado matérias sobre questões de bem-estar animal (OIE 2005), e avaliação e gestão científica da dor nos animais (Mellor *et al.* 2008). Embora as normas da OIE cubram apenas determinados aspectos do bem-estar animal e não são obrigatórias para os países membros, o seu endosso sinalizou uma aceitação quase global que o bem-estar animal é uma questão importante.

No âmbito do Acordo sobre a Aplicação de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias (o acordo “SPS”), a Organização Mundial do Comércio reconhece formalmente a OIE como a organização referência responsável por estabelecer padrões internacionais referentes à saúde animal. Como o acordo SPS não faz referência ao bem-estar animal, as normas de bem-estar animal da OIE não podem ser referenciadas em disputas entre países sobre o comércio internacional. No entanto, as normas preveem um ponto de referência acordado internacionalmente que pode ser incluído em acordos comerciais bilaterais ou multilaterais, que envolvam os países que desejam estabelecer padrões equivalentes nas áreas onde existem normas da OIE (Thiermann e Babcock 2005).

Uma vez que cada país membro decida quando e como implementar as normas de bem-estar animal da OIE, a implantação pode levar tempo e esforço consideráveis em muitos casos. A FAO, juntamente com as organizações não-governamentais e da indústria animal, pode desempenhar um papel significativo na capacitação para implementar as normas nos países membros.

## 6. Capacitação para melhorar o bem-estar animal

A capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal envolve quatro elementos: educação, engajamento e conscientização, treinamento e comunicação.

### 6.1 EDUCAÇÃO

A educação é necessária para criar conscientização e um maior entendimento da importância do bem-estar animal para uma produção animal de sucesso. No caso de produtores e manejadores de animais, tal educação pode levar à implementação de novos procedimentos que melhorem os resultados de bem-estar animal. A educação dirigida à população em geral pode resultar, eventualmente, em pessoas apoiando formas de produção animal que envolvam boas condições de bem-estar animal.

Esta educação deve levar em consideração cultura, política, economia e religião, para que seja relevante nos locais onde for implantada.

A educação sobre bem-estar animal pode incidir em todos os níveis de um sistema de educação do país. Nos níveis mais baixos, esta pode assumir a forma de princípios simples, como o conceito “Cinco Liberdades”. No ensino superior, já pode assumir a forma de conhecimentos científicos e aprendizagem conceitual da posição ocupada do bem-estar na saúde animal, na produtividade e na qualidade do produto.

A educação das crianças no sistema escolar pode ser a melhor estratégia de longo prazo para conseguir uma mudança, especialmente em países onde uma grande proporção da população está envolvida com a agricultura. Em países onde as mulheres desempenham papéis fundamentais no cuidado com os animais, é particularmente importante que essa educação inclua meninas e mulheres.

### 6.2 ENGAJAMENTO E CONSCIENTIZAÇÃO

O comportamento das pessoas que lidam diretamente com os animais influencia fortemente o bem-estar destes (Hemsworth e Coleman 1998). Exemplos incluem a utilização de métodos apropriados de manejo e pastoreio, detecção precoce e tratamento de doenças ou lesões por atendentes, assim como, a conduta das pessoas envolvidas no abate ou no sacrifício dentro de programas de erradicação de doenças. Assim, envolver as pessoas que lidam diretamente com os animais é muitas vezes um passo fundamental para alcançar bons resultados para o bem-estar animal. O Quadro 4 descreve um processo planejado de cinco etapas de engajamento utilizadas pela Brooke, uma instituição de caridade que visa melhorar o bem-estar dos equinos de trabalho e dos seus proprietários, que levou a um programa participativo centrado na redução do número de lesões em animais.

#### QUADRO 4

### O processo de cinco etapas do engajamento participativo para melhorar o bem-estar animal

A Brooke, uma instituição de caridade que visa melhorar o bem-estar dos equinos de trabalho e dos seus proprietários, atua na Ásia, África, América Central e no Oriente Médio. Um projeto em um vilarejo indiano ilustra o processo de cinco etapas da Brooke, onde os humanos e equinos trabalham sob duras condições próximas a fornos de fazer tijolos.

- Em primeiro lugar, uma atividade ponto de partida foi usada para engajar proprietários de animais e construir uma rede de relacionamentos. Isto envolveu o incentivo para a comunidade formar grupos de auto-ajuda, de 10 a 20 homens ou mulheres cada, que colocariam regularmente pequenas quantias em um fundo que era utilizado para fins decididos pelo grupo. Os grupos de auto-ajuda decidiram reunir-se mensalmente para discutir os seus problemas comuns, em especial o bem-estar dos equinos.
- Em seguida, uma análise participativa da comunidade foi realizada utilizando ferramentas de “avaliação rural participativa”, as quais são amplamente utilizadas em programas de desenvolvimento. Isto gera uma maior compreensão da vida, trabalho e práticas de alimentação dos animais, bem como das crenças tradicionais dos proprietários.
- Em terceiro lugar, uma avaliação participativa das necessidades do bem-estar animal, o que incentivou proprietários a olhar para os recursos disponíveis e para as limitações, do ponto de vista dos animais. Nesta avaliação pôde-se identificar que os principais problemas dos equinos eram as feridas na cintura e a claudicação.
- Em quarto lugar, uma análise das causas e um planejamento de ação foram utilizados para identificar as causas das lesões. Estas análises avaliaram mantas e selas danificadas, limpeza, material e dimensões das cintas e barrigueiras, carroças com defeitos e condução sem cuidado. Os efeitos sobre os animais foram identificados como: infecções de feridas, falta de apetite, fraqueza e sofrimento. Os efeitos sobre os proprietários foram identificados como perda de rendimento com os animais trabalhando menos, levando à frustração e raiva. Um plano de ação foi então desenvolvido para tratar cada uma das causas das lesões.
- A última etapa foi a implementação do plano de ação e monitoramento participativo. A implementação do plano de ação incluiu apertar parafusos soltos na sela que causavam feridas, alterar a cinta conforme necessário, reparar as carroças para melhorar o equilíbrio e verificar periodicamente os ferimentos. Um grupo foi então designado a pontuar animais baseado em indicadores de bem-estar animal, através de uma avaliação científica de bem-estar realizado por especialistas da Brooke no assunto.

Embora os grupos de auto-ajuda tenham sido formados por um interesse comum em seus animais, eles também têm iniciado outras atividades e gerado outros grupos semelhantes, que estão ajudando a tornar os proprietários de equinos mais autoconfiantes. Um número significativo destes grupos é gerenciado por mulheres que desempenham um importante papel na prestação de cuidados para os equinos de trabalho.

O engajamento e a conscientização através de oficinas, a fim de implementar programas de capacitação e outros específicos, é uma estratégia que introduz questões e inicia a participação e o debate entre aqueles que passarão a investir e se beneficiar do processo. A conscientização não deve ser limitada a uma abordagem “de cima para baixo”, uma vez que excluiria inevitavelmente abordagens mais tradicionais. Em vez disso, a conscientização deve envolver engajamento dos trabalhadores, comunidades rurais e produções tradicionais locais.

As pessoas que trabalham com animais podem mostrar resistência para dar atenção para o bem-estar dos animais de produção, especialmente para aqueles que serão abatidos. Assim, pode ser necessário colocar ênfase sobre a relação entre bem-estar animal e resultados práticos, como a qualidade da carne, redução de contusões na carcaça e acesso a mercados. Também poderá ser conveniente que o bem-estar animal passe a ser incluído como um elemento do movimento global em direção à padronização para melhorar todos os aspectos da produção animal.

Historicamente, o processo de engajamento e de conscientização tem sido utilizado por muitos interessados. As ONGs estão bem situadas em recursos para este processo inicial de engajamento; por exemplo, facilitando a realização de oficinas na comunidade local e fornecendo a devida especialização. A conscientização não deve se basear nas opiniões de um grupo ou organização qualquer, mas sim em uma perspectiva de temas de bem-estar embasadas e experimentadas cientificamente, bem como em diretrizes já acordadas e pré-estabelecidas.

### **6.3 TREINAMENTO**

Por treinamento se entende o processo de ensinar uma habilidade especial ou tipo de comportamento através da prática e de instrução ao longo de um período de tempo. Apesar do treinamento e da formação já existirem para determinados profissionais, como agrônomos e veterinários, há uma grande necessidade de treinamentos relacionados com o bem-estar animal para pessoas envolvidas no manejo, transporte, abate e eutanásia. Mesmo que o treinamento possa ser mais facilmente aceito em operações comerciais de larga escala, tais como plantas de abate comerciais, a capacitação faz-se necessária em todos os níveis da produção animal, respeitando os conhecimentos e recursos locais.

Muitos problemas de bem-estar animal não têm uma solução única e ideal que possa ser elucidada de antemão e promovida através da capacitação em ações específicas. Portanto, faz-se necessária a promoção de uma mentalidade de resolução de problemas. Em muitos casos, isto é melhor alcançado no envolvimento com as pessoas que trabalham com os animais, reconhecendo seus conhecimentos, habilidades e padrões culturais. Assim, cooperando para identificar os problemas, facilitar a sua própria inovação e resolução de problemas e encorajando-os para melhorar o bem-estar animal como uma forma de melhor alcançar seus próprios objetivos. Em muitos casos, a abordagem mais eficaz é provavelmente a de um processo contínuo de melhoria com base em metas alcançáveis, ao invés de importar radicalmente diferentes procedimentos baseados na tecnologia e valores estrangeiros. Assim, o treinamento não deve impor

## QUADRO 5

### Uma iniciativa para a formação de orientadores na capacitação em bem-estar animal

A iniciativa “Melhor formação para uma maior segurança dos alimentos”, executada pela Comissão Europeia, é destinada ao treinamento de funcionários responsáveis por verificar o cumprimento das leis relativas à alimentação humana e animal, à saúde e bem-estar dos animais. Embora focada principalmente em funcionários dos estados membros da União Europeia, os cursos de treinamento em bem-estar animal também estão abertos a participantes de outros países, especialmente países menos desenvolvidos, que exportam ou poderão exportar para a União Europeia no futuro. O objetivo principal desta iniciativa é capacitar os formadores, que serão capazes de transferir e desenvolver as capacidades técnicas nos seus próprios países.

Nestas oficinas os participantes discutem a base científica do bem-estar animal e sua relação com a saúde animal e segurança alimentar, como também analisam as regras da Comunidade Europeia e as normas internacionais vigentes. A metodologia envolve a análise de problemas, necessidades, soluções e capacidades, especificamente para melhorar a produção animal e segurança alimentar, respeitando o bem-estar animal. Estas oficinas são baseadas em um entendimento comum de bem-estar animal, juntamente com a conscientização dos diferentes sistemas de produção, dimensões sócio-culturais e das necessidades dos países participantes. Várias organizações interessadas estiveram envolvidas no desenvolvimento de cursos de formação.

normas que não possam ser cumpridas imediatamente, mas sim facilitar a dinâmica de resolução de problemas, o que permitirá o cumprimento destas no futuro.

Em última análise, este treinamento deve ser feito por organizações e pessoal capacitado dentro de cada país. Inicialmente, os conhecimentos técnicos necessários precisam vir de fontes externas, mas estes devem ser utilizados o máximo possível para gerar conhecimentos especializados no país através da capacitação de futuros orientadores. O Quadro 5 descreve uma abordagem que é utilizada atualmente para a formação de orientadores.

## 6.4 COMUNICAÇÃO

Uma boa comunicação é necessária para que as organizações internacionais envolvidas na capacitação declarem aberta e claramente quais os seus objetivos e por quais meios eles desejam alcançá-los.

A comunicação também é necessária entre as diversas partes interessadas e os provedores do serviço de capacitação. As cooperações intergovernamentais devem ser incentivadas a facilitar este processo através de relações e acordos pré-estabelecidos.

Existe também uma necessidade de comunicação dentro dos países, pois em alguns casos, a responsabilidade pelo bem-estar animal pode ser dividida entre os diferentes departamentos governamentais, órgãos profissionais e outras organizações.

Outra necessidade é a de comunicação da informação científica e das normas pertinentes para aqueles que promovem o treinamento. Desta forma, o treinamento deve fornecer informações sobre os princípios acordados internacionalmente, normas e recomendações, juntamente com informações de apoio apropriadas.





## 7. Estratégias para capacitação

### 7.1 BEM-ESTAR ANIMAL E RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA

Cada vez mais, os governos, as agências financiadoras e o setor privado estão incorporando a “responsabilidade social corporativa” (com o meio ambiente, justiça social, bem-estar dos animais, etc.) em suas políticas e práticas. No mesmo sentido, a FAO e outras organizações mundiais deveriam incluir ativamente o bem-estar animal como um dos elementos fundamentais dos seus projetos. Por exemplo, projetos financiados de grande escala, tais como programas para prevenir a propagação da gripe aviária, necessitam a inclusão do treinamento em bem-estar animal como componente fundamental.

Ao integrar o bem-estar animal em seus programas, a FAO não deve tratar o bem-estar animal como uma questão única, mas como um dos seus muitos objetivos, como inocuidade dos alimentos e segurança alimentar, saúde humana e animal, sustentabilidade ambiental, segurança dos trabalhadores, desenvolvimento rural, igualdade entre homens e mulheres e justiça social. Em particular, as boas práticas de bem-estar animal devem ser integradas e contribuir para programas mais vastos para melhorar a produção pecuária, a sanidade animal, a segurança dos produtos, a segurança dos trabalhadores e o desenvolvimento humano, isso tudo dentro de um contexto de respeito ao meio ambiente e às tradições culturais.

A este respeito, o bem-estar animal faz um ajuste natural com vários dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio seguidos pela FAO, em especial porque a promoção do bem-estar animal pode levar a melhoria na produção e na saúde animal, resultando em benefícios sócio-econômicos. Especificamente, as boas práticas de bem-estar animal podem contribuir para:

- Erradicar a pobreza extrema e a fome, proporcionando um melhor acesso aos alimentos.
- Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres, especialmente em situações onde as mulheres têm um papel de liderança no cuidado com os animais.
- Reduzir a mortalidade infantil e melhorar a saúde materna com o aumento da disponibilidade e segurança de alimentos de origem animal.
- Garantir a sustentabilidade ambiental, através da utilização sustentável dos recursos utilizados para a produção animal.
- Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento com a cooperação internacional focada no bem-estar animal na pecuária.

### 7.2 ALIANÇAS

A capacitação efetiva para a promoção do bem-estar animal irá exigir alianças entre organizações. Estas alianças precisam ser baseadas em um entendimento comparti-

lhado das metas, esforços coordenados e aceitação das funções e responsabilidades complementares dos diferentes agentes.

A FAO pode desempenhar um papel importante de coordenação com outras organizações intergovernamentais, em especial a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Há uma evidente complementaridade de papéis entre a FAO e a OIE. A OIE tem desenvolvido normas internacionalmente aceitas de bem-estar animal e também está desenvolvendo estratégias para melhorar o bem-estar animal em algumas regiões através de suas comissões regionais (ver Quadro 6).

A FAO tem um papel claro no apoio à implementação de boas práticas de bem-estar animal. Naturalmente, todas essas atividades precisam ser feitas em coordenação com os governos dos países membros, de forma a ter êxito no engajamento dos agricultores e de outras pessoas que estão diretamente envolvidas na produção, transporte e abate de animais.

Muitas organizações podem ajudar na capacitação para as boas práticas de bem-estar animal, a seguir são apresentados alguns exemplos ilustrativos, sem a pretensão de caracterizar uma lista completa.

A Federação Internacional dos Produtores Agrícolas (IFAP) representa agricultores de 79 países. Na sua política sobre o bem-estar animal (IFAP 2008), a organização ressalta que a adoção de normas mínimas internacionalmente harmonizadas para o bem-estar animal é importante para manter a confiança dos consumidores nos produtos de origem animal. A IFAP também pede aos serviços de consultoria, institutos de pesquisa, escolas de agricultura e serviços veterinários que incluam bem-estar animal em seus programas. Além da sua política de apoio às boas práticas de bem-estar animal, a IFAP poderia canalizar eficientemente as atividades de capacitação de forma que cheguem aos produtores locais dos países membros.

Outras organizações internacionais lidam com setores específicos da indústria pecuária. O Secretariado Internacional da Carne (IMS) tem vínculos internacionais com a indústria da carne; a Federação Internacional do Leite (IDF) reúne os produtores de laticínios dos 53 países que representam mais de 80% da produção de leite de todo o mundo. Algumas dessas organizações estão apoiando ativamente as boas práticas de bem-estar animal e produziram documentos orientação específica para os seus setores. Por exemplo, a IDF lançou seu “Guia de Boas Práticas em Bem-Estar Animal na Produção Leiteira IDF” (IDF 2008).

Muitas organizações não-governamentais (ONGs), incluindo as ONGs de bem-estar animal e de desenvolvimento, já desempenham um papel importante nas atividades de bem-estar animal. A Brooke, citada acima, está ativa no treinamento e intervenção para melhorar o bem-estar dos equinos de trabalho e dos seus proprietários (Quadro 4). A Associação de Abate Humanitário (HSA) fornece publicações e pacotes de treinamento sobre os métodos de abate, assim como, vem realizando um extenso treinamento no sudeste da Ásia, no Caribe e em outras áreas. A Sociedade Humanitária Internacional (HSI) auxiliou a FAO com a publicação de um documento de orientação sobre o manejo humanitário, transporte e abate de animais (FAO 2001) e tem apoiado o treinamento de bem-estar animal para trabalhadores de abatedouros (Quadro 3). A RSPCA Internacional ofereceu cursos de formação em países da Ásia e da Europa Oriental e Central,

## QUADRO 6

### Participação da Austrália e da OIE na elaboração de planos regionais de bem-estar animal

Desde a década de 1970, as indústrias de exportação de bovinos e de ovinos da Austrália têm oferecido assistência técnica aos parceiros comerciais do Oriente Médio e do Sudeste Asiático. Em 2005, a adoção de orientações de bem-estar animal para o transporte e abate de animais da OIE gerou um novo quadro internacional para essa assistência técnica e capacitação.

A Austrália patrocinou um seminário regional em Bahrain em 2005, juntamente à reunião da Comissão Regional da OIE para o Oriente Médio. Os delegados consideraram alguns obstáculos regionais e os riscos para o bem-estar animal e concordaram em trabalhar juntos em um plano. Em seguida, a Austrália trabalhou com a Arábia Saudita, Kuwait, Omã, Bahrain, Qatar e os Emirados Árabes Unidos, através do Conselho de Cooperação do Golfo e o plano foi finalizado em 2006. O plano definiu cinco objetivos para a região melhorar o manejo, o transporte e o abate dos animais. Os objetivos são desenvolver infra-estrutura, leis, normas, treinamento em bem-estar, e educação/conscientização pública. O plano reconhece a necessidade de trabalhar com os líderes religiosos para influenciar as atitudes da comunidade para melhorar cuidado com os animais.

Usando esta abordagem a Austrália promoveu um encontro semelhante em 2007, com membros da Comissão Regional da OIE para a Ásia, o Extremo Oriente e a Oceania para desenvolver um plano regional similar de bem-estar animal. O plano foi reconhecido pelo Comitê Internacional da OIE em maio de 2008 como um modelo para outras regiões.

Como parte dos planos regionais, a Austrália trabalha com outros parceiros para fornecer treinamento em manejo de bovinos resultando em baixo nível de estresse durante o embarque e desembarque dos animais nos navios, caminhões e currais. A Austrália tem financiado a melhoria das rampas de embarque, dos boxes de atordoamento (para o abate) e de outras infra-estruturas para manejo dos animais. Os treinadores trabalham com os manejadores dos animais para melhorar a gestão e proporcionar o reconhecimento através da emissão de certificados aos alunos. No período 2004-2008, a Austrália gastou AUS\$4 milhões nessas atividades e comprometeu mais AUS\$6 milhões para o período 2009-2013.

relacionados ao bem-estar animal no transporte de longa distância [Appleby *et al.* 2008]. Heifer International, que está ativa no desenvolvimento agrícola e na redução da pobreza em muitos países do mundo, fornece treinamento em cuidados com os animais aos proprietários e aos trabalhadores da comunidade de saúde animal. A Sociedade

Mundial para a Proteção dos Animais (WSPA), com 900 organizações membros em mais de 150 países, tem (entre muitas atividades) dado assistência a campo para animais socorridos em catástrofes e tem divulgado provas científicas da relação do bem-estar animal com o transporte a longas distâncias (Appleby *et al.* 2008).

Diversos governos e organizações multilaterais estabeleceram registros de apoio internacional para o bem-estar animal. Por exemplo, a Austrália tem sido ativa na promoção de boas práticas de bem-estar animal no transporte e abate de animais no Sudeste Asiático e no Oriente Médio (Quadro 6). A Comissão Europeia, no seu Plano de Ação Comunitário relativo à Proteção e ao Bem-Estar dos Animais 2006-2010, expressou o compromisso de conscientizar e criar um maior consenso internacional sobre bem-estar animal, assim como, de apoiar a implementação de normas internacionalmente reconhecidas de bem-estar animal, particularmente em países menos desenvolvidos. Isto, juntamente com as ações que permitem que os países em desenvolvimento exportem produtos para o mercado europeu que cumpram com determinadas normas de bem-estar animal (Comissão Europeia 2006). Em harmonia com este compromisso, a Comissão Europeia contribuiu para financiar o bem-estar animal e organizar oficinas e conferências em várias partes do mundo (Quadro 7).

Algumas instituições financeiras também incluíram o bem-estar animal como parte de seus programas de responsabilidade social corporativa. Por exemplo, a Corporação Financeira Internacional (IFC), que dá crédito ao desenvolvimento agrícola, observa que o bem-estar animal é “cada vez mais encarado como um pré-requisito para aumentar

#### QUADRO 7

##### **Apoio da Comissão Europeia para conscientização global sobre as normas de bem-estar animal**

A Comissão Europeia está apoiando ativamente os esforços para aumentar a conscientização global das normas de bem-estar animal reconhecidas internacionalmente. Por exemplo, a Comunidade tem ajudado a financiar ou organizar:

- as duas Conferências Globais da OIE sobre o Bem-Estar Animal em 2004 e 2008;
- a oficina sobre “Bem-Estar dos Animais na Europa: Progressos Alcançados e Perspectivas Futuras”, Estrasburgo, 2006;
- a conferência “Bem-Estar Animal: Novos Horizontes para o Século 21”, Montevideu, 2007;
- uma reunião regional da OIE sobre o bem-estar animal, Cidade do Panamá, 2008;
- Fórum Internacional sobre Aspectos Globais do Bem-Estar de Animais de Produção, Bruxelas, 2008;
- Conferência sobre o Comércio Mundial e Bem-Estar de Animais de Produção, Bruxelas, 2009.

a eficiência e rentabilidade dos negócios, satisfazendo os mercados internacionais e alcançando as expectativas dos consumidores”. A IFC já indicou que irá avaliar como o candidato pretende abordar questões de bem-estar animal antes de investir em uma empresa que atue na pecuária (IFC 2006).

Finalmente, algumas empresas do setor privado promovem a capacitação em bem-estar animal como parte de sua participação no setor da pecuária. No Brasil, por exemplo, três empresas do setor privado, juntamente com a WSPA, financiaram a impressão e distribuição de materiais de treinamento para promover o bom manejo de bovinos (Quadro 8).

Outras empresas também têm integrado o bem-estar animal em sua filosofia empresarial; o Quadro 9 descreve exemplos da África do Sul, da Coreia do Sul e da Índia.

Estes e muitos outros exemplos ilustram as possibilidades que existem para a FAO de trabalhar com outras organizações e incentivar parcerias entre essas organizações, para melhorar a capacitação para boas práticas de bem-estar animal.

### **7.3 BEM-ESTAR ANIMAL, COMÉRCIO E ACESSO AOS MERCADOS**

O comércio e o acesso aos mercados estão cada vez mais vinculados ao bem-estar animal em vários aspectos. Em primeiro lugar, existe uma tendência crescente para o

#### **QUADRO 8**

##### **Distribuição de materiais de treinamento para promover o bom manejo de bovinos**

Desde 1995, os cientistas das universidades brasileiras fizeram pesquisas aplicadas para melhorar o manejo de bovinos leiteiros e de corte. Após cinco anos de pesquisa, eles decidiram utilizar os resultados para elaborar orientações sobre manejo de bovinos, abordando a vacinação, o manejo de bezerros recém-nascidos e outros tópicos. As diretrizes enfatizaram abordagens positivas referentes ao bem-estar animal, utilizando exemplos de bom manejo dos animais e mostrando os efeitos positivos sobre a saúde e a produção animal e a eficiência do trabalho.

O problema foi como divulgar este material para as dezenas de milhares de pessoas envolvidas no manejo dos animais. As universidades buscaram parceiros aproximando-se das associações de produtores, empresas privadas, ONGs e governo. Em 2005, o primeiro parceiro, a Ford Dodge Saúde Animal, concordou em ajudar a financiar a divulgação. Duas outras empresas (Beckhauser Troncos e Balanças e Allflex) e uma ONG (WSPA) aderiram ao projeto logo em seguida. O financiamento resultante permitiu a distribuição gratuita de manuais sobre as boas práticas de manejo de bovinos, tanto em forma impressa e pela internet (p.ex. [www.grupoetco.org.br](http://www.grupoetco.org.br)). Esses manuais são uma forma de direcionar a atenção das organizações para as atividades que melhorem o bem-estar animal.

**QUADRO 9****Exemplos de incorporação do bem-estar animal nas políticas corporativas na África do Sul, Coreia do Sul e Índia**

O Woolworths na África do Sul é uma grande rede de lojas com cerca de 20.000 empregados. Todos os seus produtos estão em conformidade com a política de bem-estar dos animais de produção, o que inclui a adesão a um Código de Boas Práticas de Bem-Estar Animal aprovado pelo Conselho Nacional da Sociedade para a Prevenção da Crueldade aos Animais (NSPCA). A empresa realiza auditorias regulares de abatedouros e não vende ovos de aves mantidas em gaiolas. Bem como, garante ao cliente que as políticas têm ajudado a sensibilizar os produtores para o bem-estar animal e levaram a mudanças óbvias de comportamento.

ORGA Whole Foods, uma empresa subsidiária da Pulmuone de Seul, Coreia do Sul, apresentou uma política de bem-estar dos animais de produção em 2007, com normas de criação baseadas no programa "Freedom Food" do RSPCA no Reino Unido. As normas aplicam-se a mais de 3.000 bovinos, 170.000 frangos e 10.000 galinhas poedeiras. A auditoria das granjas e fazendas participantes é realizada a cada seis meses. Embora estes produtos sejam produzidos de acordo com as normas especificadas ainda não são amplamente consumidos na Coreia; o bem-estar animal se encaixa com a filosofia da matriz da empresa, a de comercialização de produtos saudáveis e mostrando o respeito pela natureza.

Keggfarms de Nova Deli é uma empresa ativa no melhoramento genético de aves desde 1972. A partir de 1990, a empresa se focou no melhoramento da raça avícola "Kuroiler", especificamente para a criação por moradores de pequenas vilas. Nas suas granjas, a empresa utiliza a criação sem gaiolas e com poleiros, camas e ninhos, juntamente com medidas sanitárias para aves mantidas em grupo. Os pintos são enviados para "creches" (administrados como microempresas) e, em seguida, para os criadores das pequenas vilas. As aves nesta fase possuem condições de se defenderem sozinhas em condições árduas e pobres em recursos. Estas aves produzem substancialmente mais carnes e ovos do que as raças indígenas. A empresa produz anualmente quase 20 milhões de pintos que vão para a criação em até 800.000 famílias que vivem em vilas em 11 estados. Ter uma raça que está geneticamente adaptada para sobreviver sob as condições desses vilarejos é importante para o bem-estar animal. O projeto também proporcionou uma maior renda e segurança dos alimentos para cerca de um milhão de famílias pobres (Ahuja *et al.* 2008).

varejo internacional e empresas alimentares de estabelecerem normas de qualidade para os produtos que vendem, incluindo disposições que regem o modo como os produtos de origem animal são produzidos (Fulponi 2006). Por exemplo, algumas empresas compram ovos seletivamente de sistemas que não utilizam gaiolas e compram suínos

apenas quando provenientes de granjas que não usam as gaiolas de gestação. Estas políticas podem criar grandes oportunidades de mercado para países em desenvolvimento, onde estes sistemas desejados já estão em vigor. No entanto, o treinamento e a capacitação serão muitas vezes necessários para garantir que as normas sejam sempre cumpridas.

Em segundo lugar, alguns países estão entrando em acordos comerciais que prezam a equivalência das normas de bem-estar animal. Sempre que esses acordos envolvem países com desenvolvimentos econômicos diferentes, eles também podem estabelecer a cooperação para apoiar a educação, formação e capacitação para o bem-estar animal nas economias menos desenvolvidas. Um trato tarifário diferencial para produtos produzidos em conformidade com as normas de bem-estar apoiaria estas oportunidades.

A vinculação do bem-estar animal com o mercado acontece principalmente nos países mais ricos (Mench 2008). No entanto, as pesquisas com os consumidores indicam um elevado nível de preocupação para o bem-estar dos animais destinados ao consumo humano em alguns países em desenvolvimento (Fundación Construir 2008), assim como, alguns produtores e varejistas na África, Ásia e América Latina têm integrado práticas e normas de bem-estar animal em suas atividades, em parte por motivos comerciais e mercantis (Quadro 9).

Em geral, o vínculo do comércio com o bem-estar animal e o acesso ao mercado, tanto através de normas do setor privado quanto as internacionalmente aceitas, levanta preocupações importantes para os países de baixa renda. O acesso aos mercados, especialmente aos mercados internacionais, pode aumentar significativamente a rentabilidade da produção animal. Entretanto, cumprir com normas específicas pode exigir uma infra-estrutura que países de baixa renda não possuem. A FAO e outras agências poderiam ajudar a capacitação nesses países para que os produtores estejam melhores posicionados para ter acesso a grandes mercados e participar no comércio internacional. Além disso, existe uma necessidade de decisões políticas e acordos comerciais que não criem entraves desnecessários ou injustos ao comércio para os países em desenvolvimento.

O vínculo do comércio com o bem-estar animal e o acesso ao mercado também levanta preocupações para os pequenos produtores (Boselie et. al. 2003), pois estes podem ter dificuldades para implantar as alterações necessárias aos métodos de produção, além do que, mostrar o cumprimento às novas alterações muitas vezes é mais fácil para um grande produtor que para os muito pequenos. Trata-se de uma preocupação especial com o desenvolvimento internacional, pois as produções de pequena e média escala são muitas vezes mais importantes para os objetivos de desenvolvimento. Embora os grandes sistemas de produção industrializados possam aumentar a produção e diminuir o custo dos produtos de origem animal, isto não beneficia as comunidades locais se as pessoas perdem os seus rendimentos, conseqüentemente, seu acesso aos alimentos. Em contrapartida, a agricultura de pequena e média escala pode oferecer oportunidades de emprego para um número maior de pessoas com a conseqüente preservação das famílias e das comunidades locais, como também permitir que uma família produza alimentos para o próprio consumo além de um excedente para gerar renda.



Para que os médios e pequenos fazendeiros tenham acesso aos mercados que exigem normas específicas de bem-estar animal, deve haver uma maior capacitação para permitir que eles possam interagir e compartilhar recursos, reduzir custos de produção e de transporte e comercializar mais produtos. Esse processo poderia ser apoiado por empresas ligadas à indústria alimentícia que estão dispostas a estabelecer relações comerciais com comunidades ou áreas geográficas específicas.

## 8. Pontos fundamentais

Os temas que envolvem o bem-estar animal são extremamente diversificados. Eles dependem, em parte, da escala de produção: os problemas da produção de subsistência podem incluir nutrição básica, abrigo e cuidados com a saúde; enquanto que os problemas de produção intensiva ou comercial podem incluir problemas dos animais para lidar com o ambiente, devido a fatores como: superlotação, lesões, má qualidade do ar e seleção genética voltada para o desempenho de características específicas ao invés de para a saúde em geral. Os problemas também variam com o clima, o status de doenças na região, a disponibilidade de alimento e água e a disponibilidade de trabalhadores especializados.

Apesar da grande variabilidade, diversas áreas problemáticas se mostram como prioridades em muitas regiões e sistemas, estas são:

- o transporte, incluindo as viagens longas a pé ou de veículo, e os métodos utilizados na contenção dos animais para o transporte;
- o abate, incluindo a contenção e o manejo dos animais antes e durante o abate ou no processo de atordoamento;
- o fornecimento adequado de alimentação e água;
- o manejo dos animais pelos humanos, o que pode resultar em perdas de produção através de lesões crônicas e medo;
- o abate de animais indesejáveis, incluindo os que estão doentes ou de baixo valor comercial;
- a manutenção de animais em condições para as quais eles não são geneticamente adaptados. Isso inclui o uso de raças não nativas que não são bem adaptadas ao clima e condições locais, e o alojamento dos animais em instalações inadequadas.

Por último, os animais raramente têm uma boa qualidade de vida se os seus proprietários vivem na pobreza. Para os agricultores pobres ou sem terras, viver satisfatoriamente é muitas vezes o primeiro passo para serem capazes de prestar cuidados adequados aos animais. Deste modo, a melhoria do bem-estar econômico dos produtores de baixa renda deve ser vista com alta prioridade nos esforços para melhorar o bem-estar animal.

Ainda que a capacitação deva ser direcionada para os problemas locais relevantes, os campos genéricos mencionados acima fornecem pontos de partida lógicos para avaliar quais problemas devem ser abordados, para o desenvolvimento de materiais de pesquisa e treinamento, assim como, para estabelecer incentivos para melhorar o cuidado e o manejo dos animais.



## 9. Recomendações

Os especialistas chegaram às seguintes recomendações, baseando-se nas suas discussões:

- (i) a melhoria do bem-estar animal nos sistemas de produção de alimentos pode desempenhar um papel significativo na melhoria do bem-estar das pessoas por meios como: aumentando o acesso aos alimentos de origem animal; melhorando a rentabilidade econômica através do aumento da produtividade pecuária; melhorando a eficiência dos animais de trabalho; e reduzindo os riscos para a saúde humana com a melhoria da segurança alimentar e da saúde animal. A atenção voltada para o bem-estar animal pode ser de grande benefício para os países menos desenvolvidos através do melhoramento tecnológico, do aumento ao acesso aos mercados e incentivo da cooperação internacional. Para apoiar boas práticas de bem-estar animal nos países em desenvolvimento, a FAO deverá dar prioridade às práticas que conduzam a benefícios tanto para as pessoas quanto para os animais.
- (ii) Sem contar os benefícios práticos e econômicos, a devida atenção ao bem-estar animal pode ter benefícios sociais de maiores alcances. Este pode contribuir para propagar uma ética do cuidado; pode ser uma força de coesão social dentro de uma família, uma comunidade ou um negócio e a definição relações positivas com os animais são um fator importante para o bem-estar humano (bem como para o bem-estar animal). Estes benefícios devem ser reconhecidos nos programas de capacitação.
- (iii) O bem-estar animal não deve ser tratado como um fator único, mas como uma dos muitos objetivos sociais importantes, incluindo a segurança alimentar e a segurança pública, a saúde humana e animal, a sustentabilidade ambiental, a segurança dos trabalhadores, o desenvolvimento rural, a igualdade entre os sexos e a justiça social.
- (iv) Como um primeiro passo no alcance das metas de bem-estar animal, a FAO deverá garantir que o bem-estar animal esteja integrado e com os seus programas pré-existentes em áreas como nutrição e saúde animal, e contribuindo para o desenvolvimento pecuário, subsistência sustentável e nas respostas emergenciais onde animais estejam envolvidos.
- (v) O bem-estar animal é fortemente influenciado pelo comportamento humano. Na capacitação para melhorar o bem-estar animal, a FAO (e aqueles que executam os projetos da FAO) devem tentar compreender e engajar as pessoas que trabalham com animais, reconhecendo as normas culturais, os conhecimentos e as habilidades que eles têm. Assim como, deve cooperar para identificar formas de melhorar o bem-estar animal como uma forma de alcançar com mais eficiência seus objetivos, incentivando as suas capacidades de inovação e de resolução de problemas.

- (vi) De maneira geral, a melhoria do bem-estar dos animais deve começar com uma avaliação dos riscos e oportunidades em todo o sistema, ou na cadeia de produção e deve-se realizar uma busca por melhorias que serão práticas em determinadas situações. Esta avaliação deverá incluir o embasamento científico das necessidades e do bem-estar dos animais, e avaliação de riscos para identificar as causas da precariedade do bem-estar animal. Em muitos casos, a abordagem mais eficaz é susceptível de ser um processo contínuo de melhoria com base em metas alcançáveis ao invés da importação de procedimentos muito diferentes baseados em tecnologias e valores estrangeiros.
- (vii) Em algumas situações, os programas oficiais de garantia de bem-estar animal (leis nacionais, acordos internacionais, programas corporativos e outros) fornecem uma orientação valiosa e incentivos para a melhoria do bem-estar animal, vindo a facilitar o acesso a certos mercados. Como parte da avaliação dos riscos e oportunidades, a FAO deve considerar o possível papel e os benefícios de tais programas, assim como, qualquer capacitação necessária para facilitar que os países e os produtores que quiserem, possam cumprir as normas.
- (viii) A pesquisa científica fornece os dados que estão por trás de muitas práticas e normas de bem-estar animal. A FAO deve trabalhar com centros competentes na ciência do bem-estar animal a fim de facilitar o acesso dos países membros para os resultados das pesquisas, bem como para incentivar a pesquisa sobre questões importantes para os países em desenvolvimento.
- (ix) Muitos países estão demonstrando interesse em criar e/ou revisar a legislação de bem-estar animal, em alguns casos para cumprir com as normas estabelecidas. A FAO, assim que solicitada, deve considerar a opção de trabalhar com outras organizações para prestar uma assistência relevante em legislação de bem-estar animal para os países membros.
- (x) Apesar da grande variabilidade dos problemas de bem-estar animal, diversas áreas problemáticas se mostram como prioridades em muitas regiões e sistemas, estas são: transporte, abate (incluindo a contenção e o manejo pré-abate), fornecimento adequado de alimentação e água, manejo dos animais pelos humanos, abate de animais que estão doentes ou de baixo valor comercial, e animais mantidos em condições para as quais eles não são geneticamente adequados. Estas áreas fornecem pontos de partida lógicos para os esforços de capacitação. Além disso, como a pobreza pode limitar severamente a capacidade dos proprietários de cuidar de animais, a sua redução entre estes é uma prioridade significativa para a melhoria do bem-estar animal.
- (xi) A melhoria do bem-estar animal vai exigir parcerias estratégicas em todo mundo. A FAO deve trabalhar particularmente em cooperação com a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), que está desenvolvendo normas internacionais, juntamente com estratégias regionais de bem-estar animal através de algumas das suas Comissões Regionais, da Organização Mundial de Saúde e de outras instituições empenhadas em um nível internacional. A FAO deveria também trabalhar em conjunto com organizações de produtores e acadêmicas, ONGs relevantes e de bem-estar animal, instituições financeiras e com o setor privado

para facilitar o financiamento, a execução e a comunicação das iniciativas relacionadas ao bem-estar animal. A FAO deverá também facilitar as parcerias entre organizações com capacidades complementares (tais como organizações com as capacidades de financiamento e treinamento), cuja cooperação poderia apoiar a implementação de boas práticas de bem-estar animal.

- (xii) A FAO deveria identificar e capacitar os especialistas em matéria de bem-estar animal e em suas aplicações, para ponham estas recomendações em prática.



# Referências e outros recursos

- Adams, D.B. and Thornber, P.M.** (editors) 2008. Welfare Aspects of the Long Distance Transportation of Animals. *Veterinaria Italiana*, 44: Issue 1.
- Ahuja, V., Dhawan, M., Punjabi, M. and Maarse, L.** 2008. *Poultry Based Livelihoods of Rural Poor: Case of Kuroiler in West Bengal*. South Asia Pro-Poor Livestock Policy Programme, New Delhi (Disponível em: <http://www.sapllpp.org/goodpractices/doc-12-poultry-based-livelihoods-of-rural-poor-case-of-kuroiler-in-west-bengal>. Consultado em: janeiro de 2009).
- Appleby, M.C., Cussen, V., Garcés, L., Lambert, L.A. and Turner, J.** (editors) 2008. *Long Distance Transport and Welfare of Farm Animals*. CABI, Wallingford, U.K
- Australian Government** 2008. *The Australian Animal Welfare Strategy*, Revised Edition, June 2008. Department of Agriculture, Fisheries and Forestry, Canberra. Disponível em: [http://www.daff.gov.au/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0008/749204/aaws-strategy-jun08.pdf](http://www.daff.gov.au/__data/assets/pdf_file/0008/749204/aaws-strategy-jun08.pdf).
- Boselie, D., Henson, S. and Weatherspoon, D.** 2003. Supermarket procurement practices in developing countries: Redefining the roles of the public and private sectors. *American Journal of Agricultural Economics*, 85: 1155-1161.
- Broom, D.M. and Fraser, A.F.** 2007. *Domestic Animal Behaviour and Welfare*, 4th Edition. CABI, Wallingford, U.K.
- Council of Europe** 2008. *List of the treaties coming from the subject-matter: Protection of Animals*. Disponível em: <http://conventions.coe.int/Treaty/Commun/ListeTraites.asp?MA=42&CM=7&CL=ENG>. Consultado em novembro de 2008.
- European Commission**, 2006. Communication from the Commission to the European Parliament and the Council of 23 January 2006 on a Community Action Plan on the Protection and Welfare of Animals 2006-2010. COM (2006) 13 final. Official Journal of the European Union C 49, 28.02.2006. Disponível em: [http://ec.europa.eu/food/animal/welfare/com\\_action\\_plan230106\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/food/animal/welfare/com_action_plan230106_en.pdf).
- European Union**. 1997. Treaty of Amsterdam amending the Treaty of the European Union, the Treaties establishing the European Communities and certain related acts – Protocol annexed to the Treaty on protection and welfare of animals, Official Journal of the European Union, C 340, 10/11/1997, p. 110. Disponível em: [http://ec.europa.eu/food/animal/welfare/references/general/jc340\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/food/animal/welfare/references/general/jc340_en.pdf).
- FAO**. 2001. **Guidelines for Humane Handling, Transport and Slaughter** of Livestock. RAP Publication 2001/4, Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO), Regional Office for Asia and the Pacific, Bangkok, Thailand.
- FAWC**. 2008. *Five Freedoms*. Farm Animal Welfare Council (FAWC), London, U.K. Disponível em: <http://www.fawc.org.uk/freedoms.htm>, consultado em novembro de 2008.
- Fraser, D.** 2006. Animal welfare assurance programs in food production: a framework for assessing the options. *Animal Welfare*, 15: 93-104.



- Fraser, D.** 2008a. *Understanding Animal Welfare: The Science in its Cultural Context*. Wiley-Blackwell, Oxford. U.K.
- Fraser, D.** 2008b. Toward a global perspective on farm animal welfare. *Applied Animal Behaviour Science*, 113: 330-339.
- Fulponi, L.** 2006. Private voluntary standards in the food system: The perspective of major food retainers in OECD countries. *Food Policy* 31: 1-13.
- Fundación Construir.** 2008. *Informe sobre bienestar animal y consumo de carne vacuna en la Republica Argentina*. Fundación Construir, Lomas de Zamora, Argentina.
- Giere, R.N.** 2006. *Scientific Perspectivism*. The University of Chicago Press, London. U.K.
- Grandin, T.** (editor) 2007. *Livestock Handling and Transport*, 3rd edition. CABI, Wallingford, U.K.
- Gregory, N.G.** 2007. *Animal Welfare and Meat Production*, 2nd edition. CABI, Wallingford, U.K.
- Hemsworth, P.H. and Coleman, G.J.** 1998. *Human-Livestock Interactions: The Stockperson and the Productivity and Welfare of Intensively-Farmed Animals*. CAB International, Oxford. U.K.
- Hemsworth, P.H., Coleman, G.J., Barnett, J.L. and Borg, S.** 2000. Relationships between human-animal interactions and productivity of commercial dairy cows. *Journal of Animal Science* 78: 2821-2831.
- IDF** 2008. *IDF Guide to Good Animal Welfare in Dairy Production*. International Dairy Federation (IDF), Brussels, Belgium.
- IFAP** 2008. **Animal Welfare: Maintaining consumer confidence in livestock products is a responsibility of farmers**. Policy Brief, International Federation of Agricultural Producers (IFAP), Paris. France.
- IFC** 2006 **Animal welfare in livestock operations . Good Practice Note Number 6, International Finance Corporation (IFC)/World Bank Group, Washington, DC.**
- McCordle, C.M.E.** 1998. The community development approach to animal welfare: an African perspective. *Applied Animal Behaviour Science* 59: 227-233.
- Mellor, D., P. Thorner, D. Bayvel and S. Kahn** (editors) 2008. *Scientific Assessment and Management of Animal Pain*. OIE Technical Series, Volumen 10. World Organization for Animal Health (OIE), Paris, France.
- Mench, J.** 2008. Farm animal welfare in the U.S.A.: Farming practices, research, education, regulation, and assurance programs. *Applied Animal Behaviour Science* 113: 298-312.
- New Zealand Ministry of Agricultural and Forestry.** 2005. *Animal Welfare in New Zealand*. New Zealand Ministry of Agricultural and Forestry, Wellington, New Zealand.
- OIE.** 2004. *Global Conference on Animal Welfare: An OIE Initiative*. Paris - Proceedings, 23 a 25 February 2004. World Organisation for Animal Health (OIE), Paris. Disponível em: [http://www.oie.int/eng/welfare\\_2004/proceedings.pdf](http://www.oie.int/eng/welfare_2004/proceedings.pdf).
- OIE.** 2005. *Animal Welfare: Global Issues, Tendencies and Challenges*. Revue Scientifique et Technique de l'Office International des Epizooties, Volume 24. World Organisation for Animal Health (OIE), Paris, France.
- OIE.** 2008. *Animal Welfare*. Section 7 (pages 235-319) in *Terrestrial Animal Health Code*, Volume 1, World Organisation for Animal Health (OIE), Paris, France.

- Reason, P. and Bradbury, H.** (eds) 2001. *Handbook of Action Research: Participative Inquiry and Practice*. Sage, Thousand Oaks, USA.
- RSPCA.** 2008. *With welfare in mind: Animal welfare in international development programmes*. Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals (RSPCA), Horsham, U.K.
- Rushen, J., de Passillé, A.M., von Keyserlingk, M.A.G. and Weary, D.M.** 2008. *The Welfare of Cattle*. Springer Publishing, Heidelberg.
- Sundrum, A.** 2007. Achievements of research in the field of livestock systems and quality production. Em Rosati, A. Tewolde and C. Mosconi (editors.). *Animal Production and Animal Science Worldwide*. WAAP book of the year 2006. Wageningen Academic Publishers.
- Swann, W.** 2006. Improving the welfare of working equine animals in developing countries. *Applied Animal Behaviour Science* 100: 148-151.
- Tauson, R.** 1998. Health and production in improved cage designs. *Poultry Science* 77: 1820-1827.
- Thiermann, A.B. and Babcock, S.** 2005. Animal welfare and international trade. *Revue Scientifique et Technique de l'Office International des Epizooties*, 24: 747-755.
- United Nations .** 2008. End Poverty in 2015. Millennium Development Goals. Disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals/index.shtml>. Consultado em novembro de 2008.
- Waldau, P. and Patton, K.** (editors). 2006. *A Communion of Subjects: Animals in Religion, Science and Ethics*. Columbia University Press, New York, USA.
- Welfare Quality Project.** 2007. *The EU's Welfare Quality Project*. Disponível em: <http://www.afac.ab.ca/insights/Summer07/euwqp.pdf>, consultado em novembro de 2008.
- WSPA.** 2007. Provisional Draft Universal Declaration on Animal Welfare 2007. *Recommendations for Ministerial Conference consideration*. World Society for the Protection of Animals (WSPA), London, U.K.. Disponível em: [http://www.wspainternational.org/Images/Proposed\\_UDAW\\_Text%20-%20ENGLISH\\_tcm252544.pdf](http://www.wspainternational.org/Images/Proposed_UDAW_Text%20-%20ENGLISH_tcm252544.pdf), consultado em novembro de 2008.



## Apêndice A

# Programa do encontro

## ENCONTRO DE ESPECIALISTAS DA FAO EM CAPACITAÇÃO PARA IMPLEMENTAR BOAS PRÁTICAS DE BEM-ESTAR ANIMAL

Itália, Roma, 30 de setembro – 3 de outubro de 2008  
Sede da FAO – Queen Juliana Room B-324

### Programa

Horário	Terça-feira 30 de setembro de 2008	Palestrante
9.00 - 9.15	Abertura	S. Jutzi
9.00 - 9.15	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eleição do presidente e vice-presidente</li> <li>• Designação do relator</li> <li>• Aprovação do programa</li> <li>• Informações sobre a logística e organização da reunião</li> </ul>	FAO
<b>Definição do cenário</b>		
9.15 - 9.30	Tendências para a Pecuária	A. McLeod
9.30 - 10.10	Estado atual dos conhecimentos científicos relacionados ao bem-estar animal, práticas e normas existentes ou emergentes de bem-estar animal (incluindo acordos internacionais, normas nacionais e padrões corporativos).	D. Fraser
10.15 - 10.30	Intervalo	
<b>Legislação e as normas de bem-estar animal (estado da arte e implicações)</b>		
10.30 - 10.45	Desenvolvimentos atuais e futuros das normas e legislação de bem-estar animal na UE	A. Gavinelli
10.45 - 11.00	Desenvolvimentos atuais e futuros das normas (internacionais) de bem-estar animal da OIE	G. Murray
11.00 - 11.20	Normas de bem-estar animal, públicas vs privadas	J. Mench
11.20 - 11.40	Políticas de bem-estar animal	P. Thornber
11.40 - 12.10	Legislação de bem-estar animal	Song Wei
12.10 - 12.30	Apoio da FAO em aspectos legais do bem-estar animal	J. Vapnek
12.30 - 14.00	Almoço	
14.00 - 15.00	Discussão de políticas e legislação	
15.00 - 15.30	Intervalo	
15.30 - 16.30	Conclusões e recomendações desta sessão	
16.30 - 17.30	Redação do relatório	

Horário	Quarta-feira 1 de outubro de 2008	Palestrante
<b>Práticas, impacto e benefícios do bem-estar animal</b>		
9.00 - 9.20	Implicações da promoção das boas práticas de bem-estar animal	D. Fraser
9.20 - 9.40	Relação do bem-estar animal com a saúde animal	J. Serratososa
9.40 - 10.00	Bem-estar animal na pesca e na aquicultura	F. Berthe
10.00 - 10.30	Intervalo	
10.30 - 10.50	Bem-estar animal e comércio	A. Sansolini
10.50 - 11.10	Desafios e oportunidades para os países em desenvolvimento	C. McCrindle
11.10 - 11.30	Impactos sócio-econômicos e ambientais das normas de bem-estar animal	J. Mench
11.30 - 11.50	Avaliação do bem-estar animal	A. Sundrum
11.50 - 12.10	Conselho de Bem-Estar Animal da Índia, abordando os desafios emergentes	R.M. Kharb
12.10 - 12.30	Discussão sobre as práticas, impacto e benefícios do bem-estar animal	
12.30 - 14.00	Almoço	
14.00 - 15.00	Discussão sobre as práticas, impacto e benefícios do bem-estar animal	
15.00 - 15.30	Intervalo	
15.30 - 16.30	Conclusões e recomendações desta sessão	
16.30 - 17.30	Redação do relatório	

Horário	Quinta-feira 2 de outubro de 2008	Palestrante
<b>O treinamento e capacitação em bem-estar animal (necessidades e atividades)</b>		
9.00 - 9.20	Treinamento e capacitação em bem-estar animal	P. Whittington
9.20 - 9.40	Capacitação e treinamento para o bem-estar animal nos sistemas de produção de ruminantes	M. Paranhos da Costa
9.40 - 10.00	Capacitação e treinamento para o bem-estar animal nos sistemas de produção de monogástricos	J. Mench
10.00 - 10.30	Intervalo	
10.30 - 10.50	Treinamento e capacitação em bem-estar animal: a perspectiva dos produtores	R. Bouchard
10.50 - 11.10	Treinamento e capacitação em bem-estar animal no nível da comunidade	C. McCrindle
11.10 - 11.30	Treinamento e capacitação em bem-estar animal durante o transporte	P. Thornber
11.30 - 11.50	Treinamento e capacitação em bem-estar animal durante o abate	P. Whittington
11.50 - 12.10	Treinamento e capacitação em bem-estar animal no manejo sanitário dos animais	G. Murray
12.10 - 12.30	Treinamento e capacitação: a perspectiva do serviço público	
12.30 - 14.00	Almoço	
14.00 - 15.00	Discussão sobre o treinamento e capacitação em bem-estar animal	
15.00 - 15.30	Intervalo	
15.30 - 16.30	Conclusões e recomendações desta sessão	
16.30 - 17.30	Redação do relatório	

---

<b>Horário</b>	<b>Sexta-feira 3 de outubro de 2008</b>	<b>Palestrante</b>
9.00-10.00	Conclusão geral, recomendações e redação do relatório	
10.00 - 10.30	Intervalo	
10.30 - 12.30	Conclusão geral, recomendações e redação do relatório	
12.30 - 14.00	Almoço	
14.00 - 16.30	Relatório: finalização e aprovação	
16.30	Cerimônia de encerramento	M. Traorè S. Jutzi D. Fraser

---



## Apêndice B

# Currículos dos especialistas

### **David Fraser**

David Fraser teve uma carreira de 37 anos na pesquisa e ensino sobre comportamento animal aplicado e no estudo científico do bem-estar animal. Atualmente, ele é o presidente da cadeira NSERC Industrial Research em Bem-Estar Animal da Universidade de British Columbia, em Vancouver. Ele é o autor de "Understanding Animal Welfare: The Science in its Cultural Context" (Wiley-Blackwell, 2008), e tem atuado como orientador científico sobre o bem-estar animal para muitas organizações, incluindo a Organização Mundial de Saúde Animal (Paris), o Conselho Nacional das Redes de Restaurantes e do Instituto de Marketing na Alimentação (Washington), assim como, para a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (Roma).

### **R.M. Kharb**

R. M. Kharb é atualmente o presidente da Conselho de Bem-Estar Animal da Índia (AWBI), um órgão do governo da Índia que é responsável pelo fornecimento de assistência financeira às organizações que praticam atividades de bem-estar animal no país, como organizações não governamentais (ONGs) e organizações de bem-estar dos animais. Atualmente, a AWBI apóia cerca de 2500 ONGs. R.M. Kharb formou-se em 1961 na Faculdade de Veterinária e Pecuária Punjab, em Hisar. Ele colou grau em Veterinária (Patologia) na Pós-graduação da Faculdade de Zootecnia (UR), Mukteshwar, em Kumaon. Ele foi o diretor geral da Remount and Veterinary Corps (RVC) do exército indiano e aposentou após 38 anos de prestação de serviço. Ele foi condecorado com a Medalha Ati Vishist Seva pelo Presidente da Índia por prestar serviços notórios à nação. Em reconhecimento da sua valiosa contribuição para a promoção da educação e do treinamento em veterinária, Dr. Kharb foi premiado com o Fellowship of the Prestigious National Academy of Veterinary Sciences of Índia.

### **Cheryl McCrindle**

Profa. Cheryl McCrindle BVSc (Hons) PhD (MRCVS) é atualmente a Chefe da Sessão de Saúde Pública Veterinária da Faculdade de Veterinária da Universidade de Pretória, é também, professora por meio período na UNISA, onde ela ensina epidemiologia veterinária para técnicos em saúde animal. Ela tem um histórico em prática privada, pesquisa e universidades e tem ajudado tanto o SPCA e Animal Anti-Cruelty League como consultora. Suas linhas de pesquisa são em saúde pública veterinária, extensão veterinária orientada a comunidade, bem-estar animal e jurisprudência veterinária. Ela detém uma classificação NRF como pesquisadora e em 2006 ganhou o Shoprite-Checkers/ SABC 2 Woman of the year na categoria Educação por causa de seu desenvolvimento de um



curso de educação à distância de comunicação e extensão veterinária internacional. Em 2008 ela representou a Federação Internacional do Leite como representante da Saúde Animal na 76ª reunião da OIE.

### **Joy Mench**

Joy Mench recebeu seu PhD. em Etologia (Comportamento Animal) pela Universidade de Sussex na Inglaterra em 1983. Atualmente, ela é professora do Departamento de Zootecnia e diretora do Centro de Bem-Estar Animal da Universidade da Califórnia, em Davis. Dra. Mench conduz pesquisas sobre o bem-estar dos animais, especialmente de aves e de animais de laboratório. Ela publicou mais de 100 artigos, capítulos de livros e livros sobre esses temas, assim como, tem dado muitas palestras em audiências nacionais e internacionais. Dra. Mench atuou em vários comitês e conselhos relacionados com o bem-estar animal de animais de produção e de laboratório. Ela é uma assessora científica do Projeto de Garantia de Bem-estar na União Europeia, assim como, serviu como um membro do grupo ad hoc sobre Sistemas de Produção da Agropecuária para a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE). Ela já recebeu prêmios do Humane Society of United States (2001 Animals and Society Teaching Award), da Poultry Science Association (2004 Poultry Welfare Research Award), e da Universidade da Califórnia, em Davis (2007 Scholarly Distinguished Public Service Award).

### **Mateus Paranhos da Costa**

Mateus Paranhos da Costa cursou Zootecnia, tem 21 anos de experiência como professor e pesquisador na Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), em Jaboticabal-SP, Brasil. Suas áreas de especialização incluem: Comportamento Animal Aplicado, Bem-estar Animal, Bovinocultura de Corte e de Leite. Sua carreira começou na Universidade do Estado de São Paulo (UNESP, Jaboticabal-SP, Brasil) em 1986, onde trabalhou principalmente no comportamento e bem-estar animal. De 1991 a 1995 fez doutorado em Psicobiologia e em 1999 ele estava na Universidade de Cambridge (Reino Unido), a procura de mais conhecimentos sobre a avaliação do bem-estar animal. Desde então, ele esteve envolvido em vários projetos de pesquisa, buscando melhorias concretas nas instalações e manejo do gado de corte e de leite. Ele publicou mais de 100 artigos científicos, capítulos e livros.

### **Kittipong Promchan**

Kittipong Promchan, médico veterinário, está atualmente trabalhando como Consultor Veterinário Sênior para o Departamento de Desenvolvimento da Pecuária da Tailândia. Ingressou neste cargo em 1993. Até 2003, ele estava trabalhando como inspetor veterinário em abate de frangos, suínos e bovinos. Ele emitia certificados sanitários ante e post-mortem para exportação. Após o surto de gripe aviária na Tailândia, ele se deslocou ao Japão para trabalhar no Instituto de Agricultura da Embaixada Tailandesa no Japão. Atualmente, ele é responsável pela consultoria em Boas Práticas de Gestão e pelos sistemas de Análise de Processos e Pontos Críticos de Controle em abatedouros, fábricas de transformação e outros estabelecimentos pecuários autorizados a exportar.

**Song Wei**

Song Wei é Advogado e Professor da Universidade de Ciência e Tecnologia da China (USTC) e Diretor do Instituto de Direito USTC, Hefei City (República Popular da China). Sua formação inclui bacharelado no Instituto de Tecnologia de Pequim, mestrado e doutorado pela Universidade de Ciência e Tecnologia da China. Uma de suas responsabilidades é o ensino na universidade sobre a legislação em bem-estar animal. Além do ensino, ele é também consultor jurídico de empresas, organizações e do governo. Ele também é um membro de um conselho da Associação do Ensino de Direito da China.

**Albert Sundrum**

Professor Sundrum tem doutorado Ciências Veterinárias; de 1987 a 1998 ele foi Pesquisador e Professor no Instituto de Agricultura Orgânica da Universidade de Bonn (Alemanha); desde 1999 ele é professor no Departamento de Nutrição e Saúde Animal da Universidade de Kassel (Alemanha). Suas pesquisas estão centradas na avaliação da saúde e do bem-estar animal na produção orgânica de suínos e bovinos, bem como nas implicações do fornecimento de nutrientes sobre o estado de saúde animal. Ele foi membro da Comissão Científica de Saúde e Bem-Estar Animal da Comissão da UE em 2001 (Relatório sobre o bem-estar de bovinos) e do Conselho Consultor Científico do Ministério da Alimentação, Agricultura e Defesa do Consumidor da Alemanha (BMELV) desde 2002. Ele esteve envolvido em vários projetos financiados pela UE sobre o tema da "Saúde Animal e Segurança dos Alimentos na Agricultura Orgânica".

**Peter Thornber**

Peter Thornber é veterinário e atualmente, é o Gerente de Estratégia e Comunicação em Bem-Estar Animal do Departamento de Agricultura, Pescas e Florestas do governo australiano. Dr. Thornber tem uma vasta experiência nos sistemas de saúde e bem-estar animal da Austrália e tem trabalhado, por muitos anos, junto a OIE em questões de sanidade animal. Ele tem extensa experiência na política de saúde animal e bem-estar dos animais e trabalhou junto com os governos e organizações internacionais. Ele é um membro do Colégio de Cientistas Veterinários Australianos (Bem-Estar Animal) e do grupo da Associação Veterinária de Bem-Estar Animal e Interesse Especial em Ética. Ele foi o responsável pela elaboração e finalização da Estratégia de Bem-Estar Animal Australiana, destinada a todos os australianos e todas as utilizações de animais – o documento nacional da Austrália para melhorar o bem-estar animal no futuro. Ele gerenciou o desenvolvimento das normas australianas para a exportação de gado, assim como, suas manutenções permanentes e revisões. Ele está financiando trabalhos atuais para desenvolver novas normas e diretrizes para os transportes terrestres de gado.

**Paul Whittington**

Por mais de 34 anos Paul Whittington tem se dedicado à pesquisa pura e aplicada em bem-estar animal e à produção de alimentos no Instituto de Pesquisa em Carnes e ultimamente, atua como Pesquisador na Universidade de Bristol, Reino Unido. Na Escola de Clínica Veterinária, na Divisão de Ciência de Animais de Produção, ele tem

pesquisado sobre o bem-estar animal no abate, observando comportamento animal e manejo, com especialização em atordoamento e abate. Já publicou em revistas que vão da Nature a Veterinary Science. Há 17 anos, Paul Whittington e seus colegas de universidade começaram a dar cursos de bem-estar animal no abate para a indústria britânica. Há quinze anos ele montou o “Animal Welfare Training” como um grupo de pesquisadores especializados na transferência de tecnologia de pesquisa em bem-estar para a indústria. Ele agora é um Professor do departamento e gerencia o “Animal Welfare Training”. Atualmente, ele está ministrando cursos de formação em tempo integral a nível mundial em toda a Europa, América Central e do Sul, Tailândia, Malásia, Taiwan e Indonésia. Além de consultoria e do treinamento mundo afora, ele está atualmente ministrando cursos completos em programas de treinamento para a carne vermelha na Malásia, junto a “Human Society International” e a “Meat and Livestock Australia”, em Portugal, com a RSPCA do Reino Unido e o programa de treinamento em avicultura com a “CP Foods” na Tailândia.

## Apêndice C

# Lista de documentos

### 1. DOCUMENTOS APRESENTADOS PELOS ESPECIALISTAS

**Kharb, R.M.** no date. *Animal Welfare Board of India and its efforts in modernization of Goshalas (old cows home) – A unique animal welfare activity.*

**McCrindle, C. M. E.** E. no date. *Experiences in Participatory Action Research to Promote Animal Health and Food Safety in Rural, Peri-urban, Urban and Settlement Areas in South Africa.* Faculty of Veterinary Science, University of Pretoria, Onderstepoort, Republic of South Africa.

**McCrindle, C. M. E., Cornelius, S. T. and Schoeman, H. S.** 1997. A survey of animal welfare needs in Soweto. *Journal of the South African Veterinary Association.* Department of Production Animal Medicine, Faculty of Veterinary Science, Medical University of Southern Africa, Internal Box 170, Medunsa, 0204 Republic of South Africa.

**Mench, J.A., James, H., Pajor, E. A. and Thompson, P.B.** no date. *The welfare of animals in concentrated animal feeding operations.*

**Paranhos da Costa, M.J.R., Dalla Costa, O.A., Cruz Barbalho, P., Biagiotti, D., Panin Ciocca, J.R., Naves, J.E., Quintiliano, M.H., Gabriel, J.E.R., Naves, G., Silvera, I.D.B.** No date. *The transport of farm animal in Brazil: First report.* ETCO – Grupo de Estudos e Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal, Departamento de Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, UNESP, 14.884-900, Jaboticabal-SP, Brazil

**Song, W.** No date. *Animal welfare law and contemporary Chinese legal system.* Law Institute, University of Science and Technology of China.

**Song, W.** No date. *Traditional Chinese culture poses some difficulties for new animal welfare laws.* Law Institute, University of Science and Technology of China.

**Sundrum, A.** 2007. *Conflicting areas in the ethical debate on animal health and welfare.* In: Zollitsch, W., Winckler, C., Waiblinger, S. and Halsberger A. (editors.), *Sustainable food production and ethics.* Wageningen Academic Publishers, 257-262.

**Sundrum, A., Vaarst, M., Arsenos, G., Kuzniar, A., Henriksen, B.I.F., Walkenhorst, M. and Padel, S.** No date. *Recommendations to the formulation of EU regulation 2092/91 on organic livestock production.*

## 2. DOCUMENTOS ENVIADOS EM RESPOSTA À SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÃO PELA FAO

**CIWF.** 2008. *The impact of livestock farming: solutions for animals, people and the planet.* Compassion in World Farming, Godalming, U.K.

**CIWF.** 2008. *Global warning: climate change and farm animal welfare.* Executive summary. Compassion in World Farming, Godalming, U.K.

**D'Silva, J.** 2008. *Sustainable Agriculture.* Compassion in World Farming, Godalming, U.K.

**FAI.** No date. *Outcome measures.* Food Animal Initiative, London, U.K.

**FAI/WSPA.** 2008. *Model Farm Project.* Food Animal Initiative World Society for the Protection of Animals. London, U.K.

**Farrel, D.** No date. *The future eaters.* School of Land, Crop and Food Sciences, University of Queensland, Brisbane, Australia.

**HIS.** 2008. *Animal Welfare, International Trade and Sustainable Development - Improving the Lives of Animals, Farmers and Communities.* Humane Society International, Washington, USA.

**IWGAID.** 2008. *Protecting animals from disasters.* International Working Group on Animals in Disasters.

**McLeod, A., Thieme, O. y Mack, S. D.** No date. *Structural changes in the poultry sector: will there be smallholder poultry development in 2030?* Animal Production and Health Division, FAO, Rome.

**Ransom, E.** 2007. *The rise of agricultural animal welfare standards as understood through a neo-institutional lens.* International Journal of Sociology of Food and Agriculture, vol. 15, n. 3, December 2007.

**RSPCA/Eurogroup for Animal Welfare.** No date. *Developing animal welfare: the opportunities for trade in high welfare products from developing countries.* Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals, Horsham, U.K. and Eurogroup for Animal Welfare, Brussels, Belgium.

**The Brooke.** 2008. *Bearing and heavy burden.* The Brooke, London, U.K.

**The Brooke/CIWF/Eurogroup for Animals/HIS/RSPCA/WSPA.** No date. *Joint position statement of animal protection NGOs on farm animal welfare.* The Brooke, London, U.K., Compassion in World Farming, Godalming, U.K., Eurogroup for Animals, Brussels, Belgium, the Humane Society of the United States and Humane Society International, Washington, USA, the Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals, Horsham, U.K. and the World Society for the Protection of Animals. London, U.K.

**Zapata, B. y Bonacic, C.** No date. *Bienestar animal en camelidos sudamericanos: experiencias prácticas.* Facultad de Ciencias Veterinarias y Pecuarias, Santa Rosa 11735, Chile

**WSPA.** 2007. *Industrial Animal Agriculture Part of the Poverty Problem.* World Society for the Protection of Animals. London, U.K.



## Apêndice D

# **Lista de eventos relevantes para a promoção da capacitação relacionada ao bem-estar animal**

Congresso Mundial do Leite

Conferência Mundial da Federação Internacional do Leite

Congresso Mundial da Federação Internacional do Leite

Congresso Mundial da Carne

Congresso Mundial da Avicultura

Congresso Mundial da Suinocultura

Congresso Mundial dos Agricultores

Congresso Mundial dos Jovens Agricultores

Conferência Mundial de Produção Animal e Inspeção da Segurança do Ministério da Agricultura desde 2005

Encontro Anual da Associação Europeia de Produção Animal

Congresso da Sociedade Internacional da Higiene Animal

Congresso Mundial Veterinário

Congresso de Ciências Veterinárias PANVET

Encontro Anual de Produção e Saúde Animal da Comissão para Ásia e o Pacífico

Conferências Regionais da FAO

Conferências das Comissões Regionais da OIE





## Apêndice E

# Considerações

### I. CINCO LIBERDADES

1. Livre de fome e sede, com fácil acesso a água fresca e a uma dieta que mantenha sua plena saúde e vigor.
2. Livre de desconforto, proporcionando um ambiente apropriado, incluindo abrigo e uma área de descanso confortável.
3. Livre de dor, ferimento ou doença, com a prevenção ou diagnóstico rápido e tratamento.
4. Liberdade para expressar seu comportamento normal, proporcionando espaço suficiente, instalações adequadas e a companhia de animais da própria espécie.
5. Livre de medo e distresse, assegurando condições e tratamento que evitem o sofrimento mental.

*Fonte:* FAWC 2008.

### II. CRITÉRIOS DE BEM-ESTAR IDENTIFICADOS PELO PROJETO WELFARE QUALITY

1. Os animais não devem sofrer de fome prolongada.
2. Os animais não devem sofrer de sede prolongada.
3. Os animais devem estar confortáveis, especialmente em suas áreas de descanso.
4. Os animais devem estar num ambiente com temperatura adequada.
5. Os animais devem ter espaço para se moverem com liberdade.
6. Os animais não devem estar lesionados.
7. Os animais devem estar livres de doenças.
8. Os animais não devem sofrer de dores consequentes de manejo inadequado.
9. Os animais devem poder manifestar comportamentos naturais, amistosos e sociais.
10. Os animais devem poder manifestar outros comportamentos naturalmente desejáveis, como a exploração e brincadeiras.
11. Boas interações entre homens e animais são benéficas ao bem-estar dos animais.
12. Os animais não devem experimentar emoções negativas, tais como medo, distresse e frustração.

*Fonte:* Projeto Welfare Quality 2007.

### III. DEFINIÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL ADOTADA PELA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE ANIMAL

O "Bem-estar animal" significa como está se ajustando às condições em que vive. Um animal está em bom estado de bem-estar se (segundo evidências científicas), está

saudável, confortável, bem nutrido, seguro, se comportando naturalmente e se não estiver sofrendo com sensações desagradáveis como a dor, o medo e o distresse. Um bom estado de bem-estar animal exige a prevenção de doenças e o tratamento veterinário, abrigo adequado, um bom manejo, boa nutrição, manejo e abate humanitários. “Bem-estar animal” se refere ao estado do animal; o tratamento recebido pelo animal possui outras designações, como: cuidados com os animais, bom manejo e tratamento humanitário.

*Fonte:* OIE (2008)

#### **IV. OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO**


1. Erradicar a pobreza extrema e a fome.
2. Alcançar a educação primária universal.
3. Promover igualdade entre os sexos e dar poder as mulheres.
4. Reduzir a mortalidade infantil.
5. Melhorar a saúde maternal.
6. Combater a AIDS, a malária e outras doenças.
7. Garantir a sustentabilidade do meio-ambiente.
8. Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento.

*Fonte:* United Nations (2008)

**Tradução:**


Bruno Caputi  
SINDIRAÇÕES

Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal



O Bem-estar animal vem se tornando altamente relevante para o sucesso no desenvolvimento internacional. É parte de programas para melhorar a saúde animal, para desenvolver a produção animal, para responder a catástrofes naturais onde os animais estão envolvidos e para definir o ajuste entre a composição genética dos animais e os ambientes em que são mantidos.

Assim como exposto, a FAO decidiu dar atenção mais explícita e estratégica para o bem-estar animal. Para orientar as suas atividades, foi convocado um encontro de especialistas para fornecer informações específicas em "Capacitação para implementar boas práticas de bem-estar animal". O extenuante e colaborativo trabalho dos especialistas, juntamente com recursos humanos das principais instituições relevantes em bem-estar animal e do pessoal da FAO, resultou neste relatório.



ISBN 978-92-5-906146-8



9 789259 061468

I0483P/1/11.09/250